

VOL. 20 - Nº 46 - OUTUBRO DE 2009

ISSN 1676-0336

ATERCEIRAIDADE

Estudos sobre Envelhecimento **SESCSP**

EDIÇÃO ESPECIAL

seminário **ENVELHECIMENTO** masculino





ATERCEIRIDADE

Estudos sobre Envelhecimento

ISSN 1676-0336



VOLUME 20
NÚMERO 46
OUTUBRO 2009

Publicação técnica editada pelo
SESC – Serviço Social do Comércio

SESCSP

SESC - Serviço Social do Comércio

Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

Daniilo Santos de Miranda

Superintendentes

Técnico-Social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini

Gerentes

Estudos e Programas da Terceira Idade

Cláudio Alarcon

Adjunto Lília Ladislau

Artes Gráficas Hércio Magalhães

Comissão Editorial

José Carlos Ferrigno (coordenação),
Adriese Castro Pereira, Celina Dias
Azevedo, Clívia Ramiro, Elizabeth
Brasileiro, Fernando Fialho, Francis
Marcio Alves Manzoni, Lourdes
Teixeira, Malu Maia, Marta Lordello
Gonçalves, Maurício Trindade,
Regiane Cristina Galante, Regina
Célia Sodré Ribeiro.

Secretária Carla Ferreira da Silva

Editoração: Lourdes Teixeira Benedan

Capa: Prata Design Gráfico

Fotografias: pag. 1, 3, 6, 22, 34, 48:

Nilton Silva; pag. 1,3, 74, 76,

81, 83, 87, 89, 90, 95 e 4ª capa:

Guarim de Lorena

Revisão: Marco Storani

Artigos para publicação podem ser
enviados para avaliação da comissão
editorial, nos seguintes endereços:

Serviço Social do Comércio

– SESC-SP

Revista "A Terceira Idade" – (GETI)

Av. Álvaro Ramos, 991 - 3º andar

CEP 03331-000 - São Paulo - SP

Fone: (11) 2607-8241

Fax: 2607-8250

e-mail: revista3idade@sescsp.org.br

A Terceira Idade: Estudos sobre
Envelhecimento /Serviço Social do
Comércio. ST – Gerência de Estudos e
Programas da Terceira Idade. Ano 1,
n. 1 (set. 1988) – São Paulo: SESC-GETI,
1988-

A Terceira Idade 1988 – 2006

Quadrimestral

ISSN 1676-0336

1. Gerontologia-Periódicos 2. Idosos-
Periódicos 1. Serviço Social do
Comércio

CDD 362.604

Esta revista está indexada em:
Edubase (Faculdade de Educação/
Unicamp)

Sumários Correntes de Periódicos Online

SIBRA (SIBRADID – Sistema Brasileiro de

Documentação e Informação

Desportiva – Escola de Educação Física

– UFMG)

Sumário

7 O envelhecimento masculino no universo do trabalho – desafios e oportunidades depois dos 50 anos

Aguinaldo Aparecido Neri

21 O homem idoso e sua participação na sociedade atual

Alda Britto da Motta

33 As relações afetivas do homem idoso

Dorli Kamkhagi

48 Sexualidade e amor no homem idoso

Ângela Mucida

62 Doença e morte no imaginário do homem velho

Maria Julia Kovács

74 Entrevista com o pesquisador **Wladimir Lobato**



Os desafios do envelhecimento masculino

Nos anos 60 do século XX, num contexto de lutas contra o autoritarismo na família e no Estado, destacaram-se as reivindicações do movimento feminista em grande parte das nações do Ocidente. Ao longo das últimas décadas, as conquistas sociais das mulheres têm avançado e são cada vez mais expressivas. No início, o movimento empolgou principalmente as jovens, já que nos chamados “anos dourados” não apenas as relações de gênero, mas também as relações entre as gerações, foram questionadas.

Paulatinamente, porém, na esteira desse acontecimento social, os novos padrões de comportamento das jovens passaram a entusiasmar também as mais idosas. Um dado importante: atualmente, as jovens mulheres dos anos 60 estão ingressando na Terceira Idade e muitas delas podem ter sido protagonistas diretas daquelas históricas mobilizações. Participativas, ocupam diversos espaços sociais em atividades profissionais, de lazer ou de militância política e cultural. Esse novo modus vivendi feminino, inclusive na maturidade, fez os antropólogos falarem de uma feminização da velhice, como uma característica dos nossos dias.

Já com os homens idosos não tem se dado o mesmo. Observações de profissionais da saúde e da área social atestam as dificuldades vividas pelos homens em seu processo de envelhecimento. É frequente entre os velhos a falta de autocuidados, isto é, a ausência de hábitos saudáveis, além da baixa participação social. As mulheres representam ampla maioria em praticamente todos os núcleos de Terceira Idade espalhados pelo país. Trata-se de um fenômeno complexo resultante de inúmeras condições. Alguns fatores têm contribuído para essa situação: a maior longevidade feminina, a atividade profissional mantida por muitos homens até idade avançada (por necessidade ou por demasiado valor dado ao trabalho), o preconceito dos homens a certas atividades de lazer, outras

alternativas para a ocupação do tempo livre etc. Em um contexto social machista, como o nosso, de supervalorização do trabalho masculino e do desempenho sexual a qualquer custo, a aposentadoria e as naturais perdas biológicas do envelhecimento podem engendrar expressivas dificuldades de ajustamento a essa nova etapa da vida e levar ao isolamento e à depressão.

Diferentemente do que ocorre em relação às mulheres idosas, são escassos os estudos nas áreas das ciências sociais e da saúde sobre o comportamento masculino na velhice, principalmente dentro do atual quadro da realidade brasileira. Esse fato levou o SESC SP a realizar o Seminário Envelhecimento Masculino, no SESC Avenida Paulista, de 3 a 5 de junho deste ano. Especialistas e pesquisadores discutiram como vive o homem idoso brasileiro, buscando captar sua diversidade de atitudes em recortes de classe social, geração, relações de gênero e de paternidade, em áreas como trabalho, lazer, militância, saúde, educação e família. A riqueza dos debates e das trocas de experiência nos motivou a convidar alguns dos conferencistas desse evento a elaborarem artigos para esta edição especial, baseados nas palestras que proferiram.

Esperamos, assim, que essa reflexão possa contribuir para o conhecimento sobre o homem que envelhece e, por consequência, colaborar para a implementação de políticas sociais que melhorem a qualidade de vida dos cidadãos da Terceira Idade.

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor Regional do Sesc São Paulo



O envelhecimento masculino no universo do trabalho – desafios e oportunidades depois dos 50 anos

AGUINALDO APARECIDO NERI

RESUMO

Este artigo é baseado na experiência do autor em planejamento e administração de programas de preparação para a aposentadoria e de projetos individuais de revisão de vida após a aposentadoria. Os principais clientes desses tipos de intervenção são homens que trabalham em empresas privadas. O texto analisa as principais dificuldades enfrentadas pelos participantes em planejar metas e futuros cenários para sua vida depois da aposentadoria, num contexto de rápidas mudanças sociais em que os antigos modelos de aposentadoria e envelhecimento não são mais operativos. O autor enfatiza o envolvimento social como condição para um envelhecimento produtivo. Novas carreiras e ocupações são apontadas como possibilidades, mormente em domínios em que a especialização derivada da experiência é altamente valorizada. Outros tipos de participação social são apontados como alternativas para o trabalho formal depois da aposentadoria. Num contexto de longevidade expandida e de grande heterogeneidade das experiências de envelhecimento, é importante ajudar as pessoas a fazer escolhas e a lidar com as transições do curso de vida, para que consigam um bom equilíbrio entre os ganhos e as perdas decorrentes do envelhecimento e aprimorem seu senso de autor-realização e de ajustamento pessoal.

Palavras-chave: trabalho e velhice, aposentadoria, qualidade de vida

Docente da PUC-Campinas, coordenador de Especialização da PUC-Campinas, psicólogo, Mestre em Administração e consultor de Recursos Humanos. Diretor do site www.senioridade.com.br.

ABSTRACT

This paper is based on the author's experience in providing services related to the planning and management of retirement preparation programs and post retirement life review projects. The main users of these services are male employees of private companies. The text discusses the main difficulties faced by participants in connection with the establishment of their post-retirement life goals and scenarios in a context of fast social changes where old retirement and aging models are no longer functional. The author emphasizes the importance of becoming socially connected as a condition for staying productive while growing older. New careers and jobs are discussed as possibilities, particularly in areas where expertise derived from experience is highly valued. Other forms of social participation are discussed as alternatives to formal work after retirement. In a context of extended longevity and great heterogeneity of aging experiences, it is important to help people in making choices and managing life transitions to enable them to strike a good balance between the gains and losses that derive from the aging process, thereby enhancing their sense of self realization and personal adjustment.

Key words: work and ageing, retirement, life quality

Competência-chave para este século: envelhecer com dignidade

Envelhecer com dignidade e de forma contributiva para a sociedade talvez seja um dos maiores desafios para homens e mulheres neste século. Os homens e as mulheres desta geração estão demonstrando que isso pode ser possível.

Este século verá o ser humano romper muitas barreiras e superar limites, graças, principalmente, aos progressos na ciência e a conquistas na política e no respeito aos direitos humanos.

São perceptíveis as mudanças na forma pela qual os veículos de divulgação de massas se referem ao segmento de pessoas que conseguem chegar de forma mais bem-sucedida à velhice. Não queremos adotar neste texto um tom apenas positivo, como Dychtwald (2005) ao proclamar que,

com a velhice, chegam os “anos poderosos” (The Power Years) ou da “revolução prateada”, ao mencionar histórias de pessoas que conseguiram chegar à maturidade de forma saudável e produtiva. Uma parte significativa dos seres humanos ainda não consegue fugir dos resultados de uma vida com baixa qualidade de vida e poucos recursos.

Esta condição de vida mais longa, entretanto, exigirá do ser humano soluções inovadoras para agregar mais qualidade a ela. Não basta só viver mais tempo, mas viver melhor nessa etapa da vida. Algumas situações inusitadas já começam a influenciar a sociedade, com as consequentes influências sobre o modo de viver e envelhecer:

1. A maioria de nós viverá mais do que a geração dos nossos pais. É claro que muitos de nós tiveram pais e avós longevos, mas isso não era uma regra ou não acontecia com a maioria das pessoas. Isso significa que os referenciais de envelhecimento que sempre tivemos não valerão tanto mais.
2. A sociedade precisará se acostumar com a nossa independência e presença nos principais focos de poder. Os livros de alfabetização sempre mostraram os avós como pessoas dependentes e muitas vezes doentes, infantilizadas ou exóticas. Não é mais o que acontece à nossa volta. É comum vermos grandes atores, músicos, políticos, empresários e cientistas que já passaram dos 60 anos e prometem estar na ativa por muitos anos mais. Listar os ídolos da nossa juventude que ainda estão fazendo sucesso na música, artes em geral, cinema e na gestão de negócios é uma tarefa muito reconfortante, se você já estiver entrando na maturidade. O número de residências mantidas por pessoas aposentadas mostra que elas não são mais aqueles velhos que ficavam “encostados” nas casas dos filhos, mas, em muitas residências, são eles que trazem, com suas aposentadorias, a única renda fixa para a sobrevivência da família.
3. As famílias precisarão aprender a conviver com mais de duas gerações presentes. A convivência entre as gerações ensinará os mais jovens a conviver com os mais velhos. Modelos de envelhecimento saudáveis poderão ser observados pelos mais jovens. As empresas também começam a se preocupar com o “mix geracional”. Os trabalhadores estão querendo ficar mais tempo nas empresas ou voltam

NÃO BASTA SÓ VIVER MAIS TEMPO, MAS VIVER MELHOR NESSA ETAPA DA VIDA. ALGUMAS SITUAÇÕES INUSITADAS JÁ COMEÇAM A INFLUENCIAR A SOCIEDADE, COM AS CONSEQUENTES INFLUÊNCIAS SOBRE O MODO DE VIVER E ENVELHECER.

para contribuir como consultores ou assessores, trabalhando junto com as novas gerações. As empresas mais competentes e aquelas preocupadas com a sustentabilidade dos seus negócios estão usando esse “mix” na direção certa. Elas perceberam que equipes compostas por trabalhadores jovens e maduros são mais efetivas e mais estáveis.

4. Todos os esquemas de vida relacionados com idade precisarão ser mudados. O aumento da expectativa de vida está exigindo mudanças nas políticas públicas e em todos os procedimentos relacionados com idade, como por exemplo a aposentadoria. Determinar por lei quando uma pessoa deve ser considerada idosa é um risco nos dias de hoje. Envelhecer é um projeto individual e difícil de ser normatizado, principalmente por leis que uniformizam os direitos para poder defender os mais frágeis.
5. Esta geração está podendo definir e influenciar o tipo de envelhecimento que quer ter. Temos esta condição, sim, de decidir e assumir que envelhecer pode ser melhor do que foi até hoje. Hoje sabemos que a velhice pode ser uma etapa de vida cheia de realizações e de oportunidades de crescimento pessoal contínuo. São várias as tentativas de rotular esta nova direção: melhor idade, terceira idade, feliz idade, velhice ou maturidade. O fato é que esses rótulos nem sempre conseguem sugerir o que o processo de envelhecimento significa nos dias de hoje. A conclusão que tiramos do contato com pessoas que se renovam com a maturidade é a de que elas não querem ser rotuladas mas sim respeitadas como seres humanos que têm 50, 60, 70 ou mais anos de experiência de vida e ainda têm muito mais para contribuir e usufruir.

DETERMINAR POR LEI QUANDO UMA PESSOA DEVE SER CONSIDERADA IDOSA É UM RISCO NOS DIAS DE HOJE. ENVELHECER É UM PROJETO INDIVIDUAL E DIFÍCIL DE SER NORMALIZADO, PRINCIPALMENTE POR LEIS QUE UNIFORMIZAM OS DIREITOS PARA PODER DEFENDER OS MAIS FRÁGEIS.

Preparando-se para viver muito mais do que os homens haviam pensado e sonhado

Em alguns momentos dos nossos seminários, estimulamos a discussão sobre o que os homens pretendem fazer com as duas décadas de vida que provavelmente terão pela frente. Pescar é a campeã de indicações. Depois de algumas discussões, concluem que não haverá peixe no mundo

se todos os aposentados resolverem pescar. Continuando as discussões, percebemos que as diferenças de envolvimento com o envelhecimento são enormes entre as pessoas. Aos poucos elas percebem que alguns estão se preparando há muito tempo para essa fase da vida, de forma proativa, mas a maioria se envolve com o envelhecimento de forma passiva, como se estivesse colocando o carro da vida em “ponto morto”. Elas percebem que alguns enfrentam a situação de forma ativa e outros buscam estratégias e modismos superficiais para postergar ou mascarar o efeito do envelhecimento em suas vidas.

Neri (2007) considera três principais pilares: a evitação da doença, um sentido para a vida e o uso constante dos recursos intelectuais, emocionais e sociais. A evitação da doença é, sem dúvida, o aspecto que mais tem apresentado progressos na área do envelhecimento. As ciências e as políticas envolvidas com a promoção da saúde têm conseguido progressos com atividades educacionais, assistenciais e preventivas, e os resultados serão melhores ainda quando as condições de saneamento básico forem melhoradas em nosso país. Encontrar um sentido para a vida e manter em funcionamento os recursos intelectuais, sociais e emocionais complementam as ações que contribuem para o envelhecimento bem-sucedido. Ter um motivo para sair da cama, pela manhã, contribui para a canalização das energias e para a atuação focada em resultados saudáveis e socialmente úteis. É este o sentido que queremos indicar para um envelhecimento bem-sucedido.

A presença da “geração prateada” em todos os segmentos da sociedade é resultado da ação conjunta de muitos fatores e destacamos o aumento da competência e da preparação para o envelhecimento como um dos principais. Cada geração tem as suas características e, a cada década que vivemos, percebemos que envelhecer já não é mais um processo envolto em mistérios e pesadelos. A cada geração o ser humano fica mais bem preparado para usufruir este grande desafio e presente divino que é a vida plena, longa e realizadora. A nossa visão e o nosso trabalho com pessoas maduras, em fase de aposentadoria, têm nos permitido observar as formas pelas quais as pessoas mudam ao perceber que começam a envelhecer. Algumas reagem de forma negativa, saindo em busca de alternativas para o retardamento da velhice e de um ilusório alongamento da juventude. Outras buscam formas adaptativas e adequadas à sua idade

A PRESENÇA DA “GERAÇÃO PRATEADA” EM TODOS OS SEGMENTOS DA SOCIEDADE É RESULTADO DA AÇÃO CONJUNTA DE MUITOS FATORES E DESTACAMOS O AUMENTO DA COMPETÊNCIA E DA PREPARAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO COMO UM DOS PRINCIPAIS.

OS HOMENS OCUPARAM MUITOS ESPAÇOS NO MUNDO DO TRABALHO, MERCÊ DA SUA FORÇA FÍSICA, QUE DIMINUI COM A IDADE. MÁQUINAS FAZEM A FORÇA, AGORA, NA MAIORIA DOS CASOS. O HOMEM É QUEM CONDUZ ESSAS MÁQUINAS.

para interagir com os ambientes e continuar úteis. Um dos referenciais que usamos para analisar essas situações e orientar pessoas foi apresentado por Neri e Neri em programas de preparação para a aposentadoria, já na década de 1990. Eles oferecem uma visão do desenvolvimento humano, apresentada por Paul Baltes, como um processo dialético de perdas e ganhos. Por essa visão, desde que nascemos, vivemos em constante equilíbrio no uso e desenvolvimento dos nossos recursos pessoais. A cada etapa temos perdas e ganhos. E assim vamos equilibrando as perdas e os ganhos, por cada etapa da vida. Na velhice, as perdas ocorrem em volume maior que os ganhos. Os padrões culturais vigentes ainda destacam as perdas na velhice. A sociedade recorre a todas as formas para isso, das mais sutis às mais ofensivas e descaradas. Piadas, conselhos, brincadeiras e falsos elogios estão entre as formas e os rituais para a exacerbação das perdas do processo de envelhecimento. Adotamos uma postura romântica de que a sociedade passará a respeitar mais os que envelhecem, mas evitamos a ingenuidade achando que essa mudança possa ser considerada uma concessão. Isso acontecerá, mas por processos de conquista e de protagonismo dos que querem envelhecer com dignidade. Conviver com estas pressões faz parte do envelhecimento. Recomendamos que os ganhos da maturidade sejam mais valorizados pelos que envelhecem primeiro. Ao apostar nos ganhos eles poderão mostrar que podem melhorar o posicionamento na sociedade e no trabalho. Ninguém discute que, com a idade, o ser humano diminui competências em algumas áreas do comportamento, historicamente usadas para o mundo do trabalho. Força física, por exemplo. Ela pode ser complementada pelos ganhos em visão estratégica. O raciocínio diminui de velocidade e eles não conseguem acompanhar os jovens em algumas atividades. Nem sempre eles precisam de toda essa rapidez pois têm condições de selecionar o que precisam saber e escolher a ação mais certa e específica para cada situação. Talvez eles não precisem raciocinar tão rápido se usarem os conhecimentos adquiridos, a experiência anterior e selecionarem o que é preciso usar para fazer o trabalho. Em outras palavras, talvez eles não precisem absorver tudo o que um jovem absorve. Eles só precisam das informações críticas. É sabido que as reações a estímulos ficam um pouco mais lentas com a idade. Para dirigir eles lançam mão da experiência, pois já passaram por

muitas curvas e situações parecidas com aquelas. Os homens ocuparam muitos espaços no mundo do trabalho, mercê da sua força física, que diminui com a idade. Máquinas fazem a força, agora, na maioria dos casos. O homem é quem conduz essas máquinas.

Aposentadoria: o repouso do guerreiro ou a chance de fazer o que sempre se quis mas nem sempre se pôde fazer?

A aposentadoria é também um dos rituais de transição de vida que está sofrendo mudanças muito fortes. Há até alguns anos era vista como o fim da carreira, além da qual não existia mais nada a não ser não fazer nada. Hoje, a maioria dos aposentados que participam de cursos de Preparação para a Aposentadoria considera que terão a grande chance de fazer tudo aquilo com que sempre sonharam mas nunca puderam fazer. Os homens que têm a sua identidade principal associada a um tipo de trabalho indicam, insistentemente, que querem discutir a hora da saída do mundo formal do trabalho. Com melhorias nas leis, nos processos e nos ambientes de trabalho, associadas a melhorias nos sistemas de gestão e qualidade de vida, eles querem ter maior poder de decisão sobre esse momento. Eles anseiam por formas flexíveis de aposentadoria e rompimento dos vínculos formais.

Para uma parcela ainda expressiva da nossa sociedade o trabalho continuado, mesmo depois da aposentadoria, tem várias motivações. A maioria precisa trabalhar para manter o padrão de vida. Uma pequena parcela poderia optar por não trabalhar, mas sabe que, se não se envolver com atividades laborais, poderá pagar um alto custo em termos de saúde e qualidade de vida.

A continuidade da atividade laboral mesmo depois da aposentadoria oferece vários benefícios. Dulcey-Ruiz e Gutiérrez (2007) sugerem os seguintes:

1. Fortalece o sentimento de pertencimento a grupos e organizações, além da identidade. Aumenta as chances de socialização por meio das relações naturais dos contextos de trabalho, principalmente quando ele acontece em equipe. Acrescentamos aqui as oportunidades de convivência com outras gerações e as decorrentes possibili-

COM MELHORIAS NAS LEIS, NOS PROCESSOS E NOS AMBIENTES DE TRABALHO, ASSOCIADAS A MELHORIAS NOS SISTEMAS DE GESTÃO E QUALIDADE DE VIDA, ELES QUEREM TER MAIOR PODER DE DECISÃO SOBRE ESSE MOMENTO. ELES ANSEIAM POR FORMAS FLEXÍVEIS DE APOSENTADORIA E ROMPIMENTO DOS VÍNCULOS FORMAIS.

dades de desenvolvimento de novos papéis e competências.

2. Melhorias e manutenção de autoimagem, autoeficácia e autoestima. O reconhecimento social e as possibilidades de autoavaliação que as relações laborais permitem, referenciais para avaliações da eficácia pessoal.
3. Trabalhar orientados por metas e objetivos. A organicidade dos contextos de trabalho oferece condições para que as pessoas organizem o seu tempo e o investimento de recursos pessoais a partir dos compromissos e das expectativas de resultados que todo tipo de trabalho exige. O planejamento do trabalho pode ser integrado com o planejamento das metas e dos objetivos de vida, permitindo avaliações e revisões constantes.
4. Manutenção de *status* e influência. O mundo do trabalho possibilita oportunidades para que demonstrações de respeito, credibilidade e aceitação afetem de forma positiva as pessoas envolvidas. Estes aspectos são muito importantes para o fortalecimento da qualidade de vida na maturidade.
5. Organização do tempo e definição de prioridades. A reorganização do uso do tempo é saudável desde que adequada a padrões de vida saudáveis e de boa qualidade. O trabalho ocupará o tempo que for necessário para que os demais ganhos tenham valor.

Além destes ganhos que por si justificam a decisão de continuar vivendo de forma ativa na maturidade, podemos apontar outros, tais como as oportunidades de aprendizado permanente e o desenvolvimento de novas competências, as possibilidades de aumento de ganhos financeiros e manutenção ou melhoria do nível de vida de antes da aposentadoria, o oferecimento de modelos positivos para as próximas gerações, principalmente para filhos(as) e netos(as).

Cada projeto de vida é único – não existe aposentadoria-padrão

As pessoas aposentam-se por vários motivos. Uma parte por querer se ver livre de uma vida cheia de pressões, compromissos, incertezas e angústias de uma relação de trabalho pouco saudável. Outra parte deseja se reinventar e ter a chance de fazer o que sempre quis fazer e nunca teve oportunidade. Uma terceira não sabe muito bem e só vai entender o que é aposentadoria quando já estiver aposentada.

É comum percebermos sentimentos de libertação, como se estivessem carregando um fardo a vida toda e nesse momento a aposentadoria teria o condão de libertá-los. O sonho de não fazer nada, em um “dolce far niente”. É comum e até recomendável que os primeiros meses depois da aposentadoria sejam de descanso e de “limpeza corporal”. Tirar as marcas de pressões, papéis, horários, chefias e clientes que compuseram o seu dia a dia por décadas. É nessa hora que ouvimos frases do tipo “vou só pescar”, “só viajar”, “cuidar da chácara”, “cuidar dos netos”, “da casa” ou, até mesmo, não fazer nada. Brincadeiras acontecem e eles se divertem muito nessa fase. A realidade logo vem à tona. Para alguns isso leva apenas alguns dias. Para outros semanas. Outros, ainda, levam alguns meses para perceber que está vivendo “por conta própria”. Começa o exercício de preencher o tempo. Logo percebem que não haveria peixes suficientes se todos quisessem pescar. Logo percebem que terão de preencher o tempo, de forma saudável, útil e contributiva, por 20, 30 ou mais anos. Alguns percebem que terão mais tempo de vida útil do que o tempo de trabalho. Aí é que começam alguns dos grandes e verdadeiros desafios para o envelhecimento.

Para alguns, a aposentadoria representa um novo começo. Eles esperam ter a liberdade para retomar velhas metas e estabelecer novas. Enfim, oportunidade para uma vida plena. É a grande oportunidade para fazer coisas que foram postergadas em razão de outras prioridades, como empregadores, clientes, pais e filhos. Um novo curso, nova profissão ou aquela atividade dos sonhos que se deixou de lado em razão da necessidade de segurança pessoal que um emprego fixo dava.

Para outros, a aposentadoria representa uma continuidade do que

ENFIM, OPORTUNIDADE PARA UMA VIDA PLENA. É A GRANDE OPORTUNIDADE PARA FAZER COISAS QUE FORAM POSTERGADAS EM RAZÃO DE OUTRAS PRIORIDADES, COMO EMPREGADORES, CLIENTES, PAIS E FILHOS. UM NOVO CURSO, NOVA PROFISSÃO OU AQUELA ATIVIDADE DOS SONHOS QUE SE DEIXOU DE LADO EM RAZÃO DA NECESSIDADE DE SEGURANÇA PESSOAL QUE UM EMPREGO FIXO DAVA.

sempre fizeram, com um pouco mais de ganhos financeiros, mas sem sustos ou desafios.

QUEM PLANEJA A APOSENTADORIA E ESTABELECE METAS PARA SI TENDERÁ A SER MAIS CONTROLADO POR EXPECTATIVAS DE FUTURO E NÃO PELO SENTIMENTO DE TER SIDO EMPURRADO PARA FORA. ESTE É UM DOS PRINCIPAIS ARGUMENTOS PARA QUE OS TRABALHADORES, A EMPRESA E O PRÓPRIO GOVERNO INVISTAM EM PROGRAMAS DE PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO.

Para outros, ainda, é interrupção imposta por eventos fora do seu controle, tais como a situação da economia ou da empresa, evidentemente para os que estão na iniciativa privada. Ainda vemos que, para alguns, significa a transição para a velhice, o descanso e a espera. Neste caso, aposentadoria só pode ser frustrante.

De maneira geral, existem dois grandes grupos: aquele que caminha para a aposentadoria como se ela fosse apenas mais uma transição da sua vida e que deve ser encarada como algo positivo e planejada; e outro que simplesmente quer se afastar de um trabalho ruim, monótono e para quem qualquer coisa serve depois da aposentadoria. Para estes, a chance de um envelhecimento bem-sucedido não é grande.

Por isso é importante dizer que a decisão por aposentadoria não deve resultar apenas de uma decisão pessoal, isolada e quase como uma fuga. É preciso levar em conta a estrutura de recursos emocionais, sociais, educacionais e até financeiros das pessoas.

Alguns trabalhadores estão tão ligados à identidade da empresa que têm dificuldade em pensar na sua. Aqueles trabalhadores que veem a aposentadoria como uma ponte para uma vida melhor têm mais sucesso. Aqueles que não conseguem ver nada de bom fora da empresa se agarrarão a qualquer coisa para não se aposentar. Mesmo que a um cargo e uma profissão ruins.

Quem planeja a aposentadoria e estabelece metas para si tenderá a ser mais controlado por expectativas de futuro e não pelo sentimento de ter sido empurrado para fora. Este é um dos principais argumentos para que os trabalhadores, a empresa e o próprio governo invistam em programas de planejamento e preparação. Há algumas décadas convivíamos com pessoas que se diziam “pegas de surpresa” pela aposentadoria. Hoje isso não tem mais sentido. Quem tem Carteira de Identidade sabe que esse é mais um daqueles momentos inevitáveis da nossa vida. Os trabalhadores que consideram a aposentadoria um desafio a ser enfrentado estabelecem planos, desafios e projetos para além da data oficial. Assim

eles conseguem ser motivados por objetivos futuros e não “empurrados” por decisões alheias ou pela pressão do passado.

Quanto maior o sentimento de perdas, maior a dificuldade de adaptação. Este é um outro ponto importante. Os trabalhadores que não conseguem visualizar uma vida fora da empresa e do emprego, que funcione como um elemento motivador, trabalham com sentimento de perda de um “passado que não volta mais”. Essas pessoas têm dificuldades em se envolver com qualquer atividade motivadora e desafiadora. Vivem no e para o passado. Aos poucos, transformam-se em pessoas desinteressantes e sem vida.

Pessoas excessivamente ligadas ao emprego, com baixa valorização do lazer, poucas metas, escassa rede social, baixa expectativa de atividades significativas, tendem a experimentar mais tensão, relutância, senso de fracasso, senso de perda irreparável e infelicidade. Infelizmente isso não é fácil de ser mudado e não será num programa rápido de preparação para aposentadoria que isso acontecerá. Pessoas com este perfil participam dos programas mas precisarão de mais ajuda individual para conseguir isso. Precisarão não só de ajuda mais técnica quanto de mais tempo para conseguir mudar. A única saída para essas pessoas é a busca por fontes de satisfação pessoal fora do atual campo de trabalho.

Preparar a aposentadoria ou reinventar a sua vida?

Reinventar a sua vida a partir de uma revisão completa do seu projeto de vida é possível. Começar hoje a desenvolver um projeto para que os próximos 20, 30 ou 40 anos da sua vida (ou mais, até) sejam de crescimento, realização e contribuição para a sociedade. Esta é a postura que começa a preponderar nos programas de preparação para a pós-carreira e aposentadoria dos quais participamos. Continuar crescendo pessoalmente, retomar os sonhos da juventude que não puderam ser realizados nas primeiras etapas da vida profissional, vislumbrar novas oportunidades de atuação profissional, descobrir outras competências e explorar outros campos de trabalho começam a orientar os novos projetos de vida pós-carreira.

Começar por onde? Sugiro que se comece por observar um pouco

OS TRABALHADORES QUE NÃO CONSEGUEM VISUALIZAR UMA VIDA FORA DA EMPRESA E DO EMPREGO, QUE FUNCIONE COMO UM ELEMENTO MOTIVADOR, TRABALHAM COM SENTIMENTO DE PERDA DE UM “PASSADO QUE NÃO VOLTA MAIS”. ESSAS PESSOAS TÊM DIFICULDADES EM SE ENVOLVER COM QUALQUER ATIVIDADE MOTIVADORA E DESAFIADORA.

O PROJETO DE VIDA DEVE TER AS FUNDAÇÕES NO PASSADO, AS CORES DO PRESENTE E A VISÃO DO FUTURO. CONHECER O QUE SE FEZ AJUDA NÃO SÓ A DECIDIR SOBRE O QUE SE PODE APROVEITAR, MAS TAMBÉM ATÉ QUE PONTO SE PODE MUDAR E INICIAR ALGO NOVO.

mais o que acontece com as pessoas enquanto envelhecem, para que se possa conhecer mais o que acontecerá consigo durante o processo de envelhecimento. Serão encontradas pessoas que somente percebem as perdas do processo e passam o resto da vida tentando escondê-las, maquiá-las ou remendá-las. Existem outras que olham para o lado dos ganhos e procuram novas formas de viver, potencializando os seus ganhos. Pelos mecanismos sociais vigentes, ninguém precisa se preocupar com as perdas. Sempre haverá alguém, uma piada ou uma música para apontá-las. Ao prestar atenção nas possibilidades de ganhos, este equilíbrio é recuperado.

Esta seria a primeira etapa do processo de revisão do seu projeto de vida: a busca de *benchmarks*. A pergunta a ser feita é a seguinte: quando eu envelhecer, quero me parecer com quem mesmo? Devemos olhar à nossa volta para ver como outras pessoas estão envelhecendo. É possível encontrar bons modelos. Observemos como os outros fazem. É sabido que nossa velhice será o resultado de tudo o que aconteceu conosco desde os primeiros dias de vida. Portanto, não devemos esperar mais para começar a planejar nosso envelhecimento.

O segundo momento deve ser dedicado ao conhecimento do capital acumulado durante as décadas da sua vida. Fazer um *curriculum vitae* honesto e sincero, conversando com pessoas que nos acompanharam durante a trajetória pessoal e profissional. Fazendo isso poderemos responder a perguntas do tipo: no que eu sou competente? O que é preciso aprender para melhorar o que sabemos? Olhar para o passado não deve significar que se pretenda ficar lá. Alguns currículos parecem um obituário. Só falta a informação final. O projeto de vida deve ter as fundações no passado, as cores do presente e a visão do futuro. Conhecer o que se fez ajuda não só a decidir sobre o que se pode aproveitar, mas também até que ponto se pode mudar e iniciar algo novo.

Num terceiro momento, devemos olhar para o que está acontecendo ao nosso redor. Quais as áreas profissionais que estão crescendo, quais as formas de trabalho interessantes e saudáveis. Nesse momento se pode responder às seguintes perguntas: quem precisa do que sei fazer? Se eu encontrar uma nova forma de ajudar, quem vai usufruir o que gosto e quero fazer?

Num quarto momento, a observação deve recair sobre formas de

atuação. Será que o certo seria repetir tudo o que tenho feito, como se a minha aposentadoria fosse apenas uma continuação do que tenho feito? Ou seria a minha oportunidade de mudar a forma de trabalhar e ter uma vida de melhor qualidade?

Alternativas saudáveis para o envelhecimento no trabalho. Aqueles que estão prestando atenção ao que está acontecendo no mundo do trabalho verão que existem possibilidades e formas de continuidade laboral mais saudáveis que as que existiam quando começaram a trabalhar. O crescimento da área de serviços fez com que as competências pessoais passassem a ser mais valorizadas. Dessa forma, as pessoas mais velhas podem usar as competências que a maturidade melhora. Trabalhar por conta própria, como prestadores de serviços ou com relações diferentes com o antigo empregador, também são exemplos. Se pudéssemos contar com uma legislação mais benevolente, poderíamos ter relações mais saudáveis com o antigo local de trabalho, como por exemplo tempo parcial ou a realização de consultoria etc.

SE PUDÉSSEMOS CONTAR COM UMA LEGISLAÇÃO MAIS BENEVOLENTE, PODERÍAMOS TER RELAÇÕES MAIS SAUDÁVEIS COM O ANTIGO LOCAL DE TRABALHO, COMO POR EXEMPLO TEMPO PARCIAL OU A REALIZAÇÃO DE CONSULTORIA ETC.

Considerações finais

Está aumentando o número de homens que participam dos programas de preparação para a aposentadoria com o desejo de algo novo e de reinventar a própria vida. Eles chegam mais bem informados sobre o tema, mais preparados pelos treinamentos recebidos e mais tranquilos por perceber à sua volta modelos positivos de envelhecimento bem-sucedido.

A relação com o trabalho também está mais fácil de ser resolvida pois as alternativas para continuarem ativos, com papel marcante na família e junto à sua coorte, aumentaram. Já não resta a eles a escolha entre não fazer nada ou continuar fazendo mais do mesmo.

Temos segurança em dizer que abordar o tema aposentadoria como mais um dos eventos da vida do homem facilita a visão de futuro e a definição de metas e objetivos de vida estimulantes e mobilizadores.

Temos segurança em dizer que a discussão sobre os referenciais de

idade suscitarão discussões interessantes nos próximos anos. Os grupos mostram a grande variedade de opiniões sobre o tema, fruto da também enorme variedade de trajetórias e projetos individuais de envelhecimento.

Quando deve começar um programa de preparação para a transição da aposentadoria? No primeiro dia de trabalho, pensamos nós. Sempre que podemos, sugerimos que as empresas se sintam responsáveis pelo desenvolvimento dos seus colaboradores do primeiro ao último dia, por meio de propostas inovadoras para os programas de treinamento e desenvolvimento, que geralmente estão concentrados nos mais jovens e nas pessoas em cargos de liderança. Criar oportunidades para que os colaboradores possam envelhecer bem no trabalho, e não apesar do trabalho, passa a ser um dos grandes desafios da área de RH. Criar ambientes e culturas organizacionais que integrem as várias gerações que passarão a fazer parte daqueles contextos, de forma a compor e não a se contrapor aspectos intergeracionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

-
- CORBETT, D. *Portfolio life*. The new path to work. Purpose, and passion after 50. San Francisco: John Wiley & Sons, 2007.
- DYCHTOWALD, K. *A user's guide to the rest of your life*. The power years. San Francisco: John Wiley & Sons, 2005.
- NERI, A. L. (Org.). *Qualidade de vida na velhice*. Campinas: Editora Alínea, 2007.
- DULCEY-RUIZ, E.; GUTIÉRREZ, A. L. *Preparación para la jubilación*. Bogotá: Caja Colombiana de Subsídio Familiar – Colsubsídio, 2007.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- NERI, A. A. Competências para a maturidade profissional. In: NERI, A. A.(Org.). *Gestão de RH por competências e a empregabilidade*. Campinas: Papirus, 2005.
- NERI, A. L.; NERI, A. A. *Sobre a dinâmica de perdas e ganhos no processo de envelhecimento*. Apostila do Curso de Preparação para a Aposentadoria – OBC Consultoria, 1990.

O homem idoso e sua participação na sociedade atual

ALDA BRITTO DA MOTTA

RESUMO

Na análise do envelhecimento é sobretudo importante considerar-se a perspectiva de gênero, porque se homens e mulheres hoje idosos têm em comum a condição geracional de velhos, mais além das diferenças biológicas próprias de cada sexo, tiveram trajetórias sociais diferenciadas e desiguais. E foram de tal intensidade as diferentes expectativas sociais que nortearam essas vidas que ainda hoje os diferenciais de gênero obscurecem ou ultrapassam, com frequência, as próprias desigualdades de classe.

O panorama atual expõe as conquistas sociais das mulheres, com o feminismo, hoje interlocutor social *infugível*, e a participação crescente das idosas em atividades públicas, extrafamília, nos grupos e programas para a “terceira idade”; mas, ao mesmo tempo, uma presumida não participação dos homens idosos, que aparecem em cifras irrelevantes nesses grupos e continuam seus habituais encontros unissex à moda tradicional, nas praças e jardins, e, agora, também nos shopping centers.

Uma participação renovada e significativa, atualmente, dos homens encontra-se entre os jovens, principalmente quando parceiros de mulheres também jovens, a repensar as relações de gênero e o significado da masculinidade; mas também com a atuação política do movimento dos aposentados, que vem extrapolando a luta trabalhista por melhores proventos e condições da aposentadoria, para alcançar as condições de vida e os direitos dos idosos como cidadãos e segmento geracional atual.

Palavras-chave: gênero, masculinidade, aposentados, participação social.

Professora e pesquisadora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia

aldamotta01@hotmail.com



DIA NOTTE

ABSTRACT

When analyzing the ageing process, it is very important to consider gender, because although both ageing women and men share the generational condition of being old, they are not only biologically different, but have also experienced unequal and differentiated social trajectories. And the different social expectations that have guided elderly lives have been so intense that, even today, gender differentials obscure and frequently go beyond class inequalities.

The present panorama reveals the social conquests of women, such as those brought about by the feminism movement, an unavoidable social interlocutor, and the increasing participation of ageing women in public activities outside the family through groups and programs geared to senior citizens. However, at the same time, it also reveals a presumed non-participation of ageing men, who still have a low participation in those groups and programs, and who continue with their habitual unisex encounters along traditional lines, meeting friends in public squares and gardens and, nowadays, also in shopping-centers.

A renewed and significant participation in society is currently taking place among young men, particularly among those who have young women as partners. They are open to rethink gender relations and the meaning of masculinity. The increased male participation is also being fueled by the political activities conducted by the retired citizens' movement, which are going beyond the labor movement's struggle for better retirement pensions and conditions, to provide the elderly with the conditions and individual rights that they are entitled to as citizens and as members of the current generation.

Key words: gender, masculinity, retired citizens, social participation

INTRODUÇÃO

Na análise do envelhecimento, é sobremodo importante considerar a perspectiva de gênero, porque se os homens e mulheres têm em comum o envelhecimento, ou a própria situação de velhice já instalada, mais além das diferenças orgânicas próprias de cada sexo tiveram trajetórias

sociais também diferenciadas desde a juventude. Caminhos que a própria sociedade construiu e lhes inculcou, e que partiram da ideia e realização de um “destino” das mulheres hoje idosas para a vida doméstica e de família, e dos homens para o mercado de trabalho e a atuação pública e política. Partindo de lugares sociais diferentes, seguiram caminhos também diferentes.

HÁ TODO UM PRECONCEITO E REJEIÇÃO MEDROSA EM RELAÇÃO AO VELHO, QUE AINDA NÃO TÊM SIDO TRABALHADOS, TANTO CIENTIFICAMENTE COMO NO COTIDIANO.

Essas trajetórias sociais só começam a confluir hoje, quando os idosos são numerosos, com participação e visibilidade social maiores, e cada vez mais longevos, porém vistos como “problema”. Como propiciadores de questões sociais “graves”, como o “dilema” do “déficit” da Previdência e a consequente questão da reprodução social: como a sociedade poderá sustentá-los?

E porque comumente se rejeita a velhice, homens e mulheres idosos são basicamente unidos por uma avaliação social em termos de preconceito. Há todo um preconceito e rejeição medrosa em relação ao velho, que ainda não têm sido trabalhados, tanto cientificamente como no cotidiano.

Entretanto, confluem apenas parcialmente essas trajetórias, porque as diferentes expectativas sociais que nortearam a vida de homens e mulheres de mais idade foram de tal intensidade que os diferenciais de gênero obscurecem ou ultrapassam, ainda hoje, com frequência, as desigualdades de classe entre velhos e velhas.

Idosos no cenário social brasileiro

Realmente, na velhice a questão identitária principal concerne às relações de gênero. A própria justificativa da proposta do recente Seminário “Envelhecimento Masculino”, promovido pelo Sesc São Paulo, demonstra reconhecer isso, ao contrastar uma baixa participação social dos homens velhos com a alta participação e até o protagonismo social das mulheres idosas. Fato que seria, talvez, pelo menos em parte, responsável pela escassez de estudos, tanto na área das ciências sociais como na de saúde, sobre os homens de idade.

Realmente as conquistas sociais do feminismo foram muitas e decisivas, e hoje o feminismo é um interlocutor social *infugível*. Mas é importante lembrar que as mulheres compreenderam essa importante luta social por direitos iguais e também pelo direito à diferença, sem se lembrarem das idosas e da questão geracional. Interessante é que quem fez a grande revolução da segunda onda do feminismo, na década de 1960, é agora, naturalmente, idosa, mas parece que só se reconhece como tal no âmbito privado, ao olhar-se no espelho, porque todo o tempo tem trabalhado questões relativas apenas às mulheres jovens e de idades medianas, isto é, aquelas na fase reprodutiva.

Mas por que teriam ficado os homens socialmente quietos? Bem, em primeiro lugar, porque não tinham uma revolução de gênero a fazer. Tinham todas as vantagens na vida cotidiana e o poder social. Aparentemente, pelo menos, eram os felizes dominantes, nas relações de gênero e nas demais. Uma situação confortável. Mudar para quê?

Contudo, sempre vale perguntar: o sujeito dominador seria tão feliz assim? Verdade que aquele que está ganhando o jogo não vê por que mudar as regras... Mas seria uma felicidade tão grande ter de topiar cada caso sexual que aparecesse, sem ser qualificado com palavras desairosas quando recusasse, porque não teria sido “homem”? Seria tão feliz assim como o provedor único e com a pesada responsabilidade social pela família?

Com a revolução feminista, entretanto, quando o “meio-de-campo” vai mudando, é preciso repensar o jogo. Mas os idosos aposentados talvez achassem que não era preciso ter pressa, tinham uma vida “arrumada” e, pelo menos no início das mudanças, não acreditavam em alguma assunção de poder pelas mulheres. A exemplo daquele que, em entrevista, há alguns anos, ainda convicto, sentenciou: “As mulheres hoje querem ‘se espalhar’, mas não podem!”. Já outro, velho trabalhador cansado, único participante masculino em um grupo de idosos, tratado com grandes atenções pelas “colegas”, revelou: “Eu me aposentei para me sentar...” (BRITTO DA MOTTA, 1999).

A presumida não participação social, ou pública, dos homens começou a “aparecer” por essa ausência nos chamados Programas para a Terceira Idade: em clubes, cursos, associações e “universidades para a

MAS POR QUE TERIAM FICADO OS HOMENS SOCIALMENTE QUIETOS?

BEM, EM PRIMEIRO LUGAR, PORQUE NÃO TINHAM UMA REVOLUÇÃO DE GÊNERO A FAZER. TINHAM TODAS AS VANTAGENS NA VIDA COTIDIANA E O PODER SOCIAL. APARENTEMENTE, PELO MENOS, ERAM OS FELIZES DOMINANTES, NAS RELAÇÕES DE GÊNERO E NAS DEMAIS. UMA SITUAÇÃO CONFORTÁVEL.

terceira idade”. Perguntava-se: por que as mulheres estavam neles e os homens não? A verdade é que para muito poucos homens esses programas pareciam servir. Não deviam “achar graça” neles, mesmo porque desde o começo estes haviam sido orientados para um lazer de interesse basicamente feminino, ou para tentativas, com ingênua esperteza, de “ensinar a envelhecer...” (com “professores” que nunca haviam sido velhos...).

OS HOMENS NÃO PRECISAVAM
PORQUE REALMENTE SEMPRE
TIVERAM A LIBERDADE DE SAIR,
DE IR PARA A RUA QUANDO
QUISESSEM, E NA RUA, QUANDO
DESEJAVAM COMPANHIA, SEMPRE
SE REUNIAM, EM PRAÇAS E EM
JARDINS – HOJE NOS SHOPPING
CENTERS.

Por tudo isso – sem menosprezar o fato de serem minoria demográfica – os homens sempre participaram escassamente de grupos de convivência, associações e clubes de “terceira idade”. “Não precisavam” deles, inclusive para obter algo que tais grupos também propiciaram: a liberdade de sair de casa, com uma familiarmente plausível justificativa para reunir-se com pessoas de sua idade/geração, e divertirem-se, como fizeram as mulheres.

Os homens não precisavam porque realmente sempre tiveram a liberdade de sair, de ir para a rua quando quisessem, e na rua, quando desejavam companhia, sempre se reuniam, em praças e em jardins – hoje nos shopping centers. Tão naturalmente se reuniam que raros pesquisadores identificavam esses grupos como merecedores de estudo. Tive, entretanto, no decorrer das minhas pesquisas, interesse em saber como estavam os homens idosos tradicionais e estudar um grupo desses, na década de 1990. Sobre ele faço um breve relato.

Eram idosos “jovens”, entre 58 e 68 anos, de classes populares, moradores de um bairro periférico no subúrbio ferroviário de Salvador. Reuniam-se na pequena praça em frente à igreja, ocupando vários bancos, diariamente. Quase todos aposentados; identificando-se, todo o tempo, como tais, mas também como chefes de família, provedores únicos.

Eu, naturalmente, não teria uma possibilidade de sentar no jardim com eles, porque, como mulher, seria uma figura inesperada, para a qual não haveria abertura. Entretanto, eu tinha um talentoso bolsista na minha equipe, que foi sentar-se nessa praça com os idosos, observá-los e entrevistá-los, o que me propiciou certa percepção interna do grupo. Menciono aqui um trecho do diário de campo em que está registrado o cenário da praça onde os idosos se reuniam, para termos uma ideia da pouca ou nenhuma estruturação desses grupos:

“Na pequena praça de um bairro ferroviário, podem ser vistos os idosos que a frequentam, habitualmente sentados em seus bancos, à sombra das árvores. Todos se conhecem, se dão, convivem em algum momento, todos os dias, não raro nos dois turnos. Há um jogo de cena na praça, que muda todo o tempo, que mostra a informalidade e a intermitência desse companheirismo e das conversas (...) No primeiro dia de contato havia nove idosos sentados na praça, naquele momento, dispostos em dois grupos de quatro, e um sozinho, em um banco. Eram sete negros, um pardo e um branco. Conversavam e observavam o movimento dos passantes. Num momento seguinte, três deles levantam-se e vão sentar em outro banco. O quarto permanece sozinho – será o primeiro entrevistado da pesquisa. Essa sequência de encontrarem-se, cada um sentar-se um tempo, levantar-se, rearrumar-se em outro banco, ou sair, outros passarem e chegarem só um instante, é a dinâmica habitual nesse cenário” (BRITTO DA MOTTA, 1999).

Ao longo dos dias observam-se e registram-se três assuntos principais de conversa entre esses homens. Em primeiro plano, a grande preocupação com a aposentadoria e o pouco ou relativamente pouco que ganhavam, mas também eram muito críticos em relação aos companheiros e conhecidos. Cada um falava de si, porém tratava bem agudamente da situação dos outros. “Aquele ali está bem, recebe tanto”, “Fulano ganha mais do que você”. A conversa andava sempre em termos comparativos. Ao mesmo tempo, eles comentavam, às vezes jocosamente, sobre todo mundo que passava. Principalmente as mulheres. Uma vez, ao passar uma jovem grávida, um deles diz, com certo pesar: “Uma criança levando outra criança”.

Um dia aparece na praça um homem da idade dos aposentados, mas que não era aposentado, e vai demonstrar algo muito interessante em relação à concepção de vida com trabalho: este que ainda trabalhava tinha 58 anos, e na entrevista demonstrou uma visão mais otimista da vida, do que ele fazia e do que era capaz de fazer. Ele está na praça, mas sabe que é momentaneamente, por uma licença médica, e tem uma atitude muito diferente daquela, habitualmente derrotista, que os outros têm.

Enquanto aqueles declaravam não fazer quase nada, ao longo de seus dias, como expressam os depoimentos que se seguem, o idoso que trabalha revela atividades e trajetos variados. Falam os aposentados:

AO LONGO DOS DIAS OBSERVAM-SE E REGISTRAM-SE TRÊS ASSUNTOS PRINCIPAIS DE CONVERSA ENTRE ESSES HOMENS. EM PRIMEIRO PLANO, A GRANDE PREOCUPAÇÃO COM A APOSENTADORIA E O POUCO OU RELATIVAMENTE POUCO QUE GANHAVAM, MAS TAMBÉM ERAM MUITO CRÍTICOS EM RELAÇÃO AOS COMPANHEIROS E CONHECIDOS.

“Fazendo nada. (...) Andar, não ficar em casa, para não pensar mais.”

“Em casa, saio na rua para me distrair, não saio à noite.”

“O lazer é esse aqui (na praça). Não tenho dinheiro.”

“Aqui (na praça) de dia, de noite, em casa, assistindo novela.”

“Estava deitado, depois me levantei, fui ao bar, fico sentado aqui. Até completar o dia, até chegar a noite.”

Apenas um deles, habitualmente mais afoito, diversifica:

“Ir à rua fazer um namorzinho... Se a ‘federal’ (esposa) souber, fica tiririca.”

Mas o não-aposentado diversifica bem mais, e ativamente, o seu cotidiano:

“Ir à praia, jogar bola, assistir TV à noite, (...) vou ao cinema, uma vez na semana dou um passeio pela rua Chile, Shopping Barra, Campo Grande...”

Referi que falavam de três temas recorrentes, além da questão dos proventos; os outros dois temas, que estavam nas conversas o tempo todo, eram o sexo, a sexualidade deles (sempre mais ou menos comparativamente) e dos outros, e as mulheres; mulheres de modo geral. São todos casados, exceto um, que é viúvo; falam de mulher o tempo todo, mas nunca das esposas. As esposas não ficam apenas resguardadas, ficam esquecidas mesmo. É mais interessante pensar nas mulheres mais novas. Os comentários direcionam-se a estas, embora possam ser também derrotistas, como diante da moça bonita que passa: “É isso que o velho pode fazer, só olhar”.

Esse é o exemplo do velho tradicional. Orientei, há poucos anos, uma dissertação de mestrado, da qual constou, também, um levantamento com homens idosos que se reúnem em uma praça, uma outra praça grande, de Salvador; pessoas de classe média. Da análise das anotações e entrevistas, pôde-se concluir: mudava o poder aquisitivo, mas os interesses de conversa e comportamento eram mais ou menos os mesmos daqueles do subúrbio. Talvez estimulados pela relativa “tranquilidade” econômica, estes até falavam em namoro, apesar de casados. Havia apenas um viúvo, que colocou anúncio em jornal para arrumar namorada, a ponto de os outros falarem: “Vão te explorar, vão pensar que você tem

mais do que tem”. Apesar da distância de alguns anos entre a minha pesquisa e a da minha orientanda, eu não achei grande diferença na situação e nos interesses dos que preferem passar o tempo da aposentadoria numa praça, a não ser quanto àqueles que vão lá eventualmente, como no primeiro caso, do não aposentado (SOUZA, 2003).

Por isso, reitero, os homens simplesmente **continuaram a fazer o que sempre tinham feito**, sem precisar de pretextos e por isso mesmo, por essa naturalidade do se reunir, nunca chamaram a atenção como grupo.

As mulheres... Bem, não foram as mulheres idosas das associações de “terceira idade” que protagonizaram a revolução feminista, claro – apenas se beneficiaram dela, embora, no seu viver atual, deem-lhe certa continuidade. E, entre os homens, uma boa parcela dos jovens é que vem repensando as relações de gênero, não raro em diálogos com as mulheres, e redefinindo o sentido da própria masculinidade.

As mulheres idosas são constante objeto de estudo porque, realmente, estão “saindo de casa” para os grupos e as associações, começaram a ter uma vida diferente da tradicional, uma liberdade alegre, que tem sido um dos fatores sociais construtores de uma nova imagem social, mais dinâmica e atraente, dos velhos atuais. Mas os homens – não exatamente esses de saída tranquilamente livre, os idosos das praças e jardins, mas outro tipo de aposentado também – têm dado sua contribuição para o retoque positivo dessa imagem nova e participativa dos idosos: são principalmente os que militam politicamente em movimentos.

Homens que já tinham um mínimo de iniciação política, por meio da militância sindical, reuniram-se em associações e federações, a fim de lutar por melhores condições de aposentadoria. Essa participação direta no campo político contribuiu para firmar, para os idosos, nova imagem de respeitabilidade pública geral, em especial a partir da conhecida luta pelos 147% da Previdência.

Naquele momento a sociedade foi tão galvanizada por ela que atraiu a todos, para surpresa geral – os que iriam ser beneficiários diretos da recomposição dos proventos e os que não seriam contemplados por ela; mesmo deputados governistas postaram-se ao lado dos aposentados, votando contra o governo, até ser alcançada a vitória final.

HOMENS QUE JÁ TINHAM UM MÍNIMO DE INICIAÇÃO POLÍTICA, POR MEIO DA MILITÂNCIA SINDICAL, REUNIRAM-SE EM ASSOCIAÇÕES E FEDERAÇÕES, A FIM DE LUTAR POR MELHORES CONDIÇÕES DE APOSENTADORIA.

Esse amplo movimento, a partir dos anos de 1990, vai dar plena visibilidade social aos idosos e, indo além das motivações econômicas e previdenciárias iniciais, propiciar um começo de reconhecimento político e social às questões da velhice. (ver SIMÕES, 2000, 2004; AZEVEDO, 2005; GOMES, 2008).

ESSE AMPLO MOVIMENTO, A PARTIR DOS ANOS DE 1990, VAI DAR PLENA VISIBILIDADE SOCIAL AOS IDOSOS E, INDO ALÉM DAS MOTIVAÇÕES ECONÔMICAS E PREVIDENCIÁRIAS INICIAIS, PROPICIAR UM COMEÇO DE RECONHECIMENTO POLÍTICO E SOCIAL ÀS QUESTÕES DA VELHICE.

Todos lembram as manifestações em praças públicas, pelo Brasil afora, as passeatas, as idas ao Congresso, em Brasília, e as vigílias, já na Constituinte. Talvez lembrem até a manchete da Folha de S. Paulo: “Aposentados ocupam a vanguarda social” (2/2/1992). Traziam experiência de luta sindical, mas autoidentificaram-se como aposentados, provedores de família (ver, sobre esse movimento, SIMÕES, 2000, e AZEVEDO, 2005).

Naquele momento as mulheres pouco participavam desse movimento, original e maciçamente masculino. Só mais tarde iriam chegando. Anos depois, “escoladas” não apenas nas Associações de Aposentados, mas também nos Grupos e Programas para A Terceira Idade daquele movimentado fim-de-século (ver BRITTO DA MOTTA, 1999), vamos (re)encontrá-las bem mais ativas, numerosas e reivindicativas, lado a lado com os homens, como participantes do Fórum Permanente em Defesa do Idoso (AZEVEDO, 2007).

O Fórum nasce em Salvador, a partir da orientação dos militantes de Associação dos Aposentados que o inauguram em manifestação na rua, defronte a sede do INSS, na comemoração do aniversário da Previdência, e do Dia do Aposentado, em 2004.

Visando articular a atuação de várias entidades de aposentados, mas também de outras já diretamente envolvidas com a questão do envelhecimento, o Fórum ultrapassa a questão previdenciária em direção a horizonte mais amplo, o dos (vários) direitos dos idosos, estendendo-se à implementação do também recente Estatuto do Idoso, sua inspiração e estímulo. Pretendendo recobrir, em princípio, a abrangência de ações diferenciadas que informam as duas últimas décadas do século XX, o Fórum desemboca numa politização do cotidiano que o Estatuto apenas inicia. O tempo dirá mais (ver AZEVEDO, 2007). Aí encontramos, dinamicamente, um segmento expressivo dos homens idosos.

Considerações finais

Em suma, a população masculina, mesmo a idosa, não pode ser pensada simplesmente em termos de participantes ou não de atividades e movimentos sociais. Ela é heterogênea, diversifica-se segundo a própria faixa etária (“mais velhos” e “idosos jovens”) e sua socialização ou “habitus” de classe, formação e orientação profissional e experiência política. Por isso se encontram vários segmentos de idosos, visíveis em seus quefazeres habituais: os plácidos ou sofridos companheiros de bancos de praças, os persistentes trabalhadores fiéis ao mercado de trabalho e os militantes dedicados à luta política, na qualidade de aposentados e como idosos. Em suas lides cotidianas compõem o retrato coletivo do idoso atual no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

-
- APOSENTADOS ocupam vanguarda social. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 fev. 1992.
- AZEVEDO, Eulália Lima. *Aposentados em movimento: tensões e convergências com o movimento sindical*. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, 2005.
- _____. *Das praças e ruas ao palco de múltiplas vozes: as perspectivas do movimento político autônomo dos aposentados/as*. Projeto de tese em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, 2007.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. *“Não tá morto quem peleia”*: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos. Tese de doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- GOMES, Marcia Carvalho. *Proteção social à velhice e o circuito de solidariedades intergeracionais*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- SIMÕES, Júlio Assis. *Entre o lobby e as ruas: movimento de aposentados e politização da aposentadoria*. Tese de doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2000.
- _____. Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 25-56.
- SOUZA, Carolina Marback Barbosa de. *Envelhecimento e tendências de sociabilidade: identidades de gênero e de classe social em grupos de idosos*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BRITTO DA MOTTA, Alda. Chegando pra idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). *Velhice ou terceira idade* (estudos antropológicos sobre identidade, memória e política). Rio de Janeiro-RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998a. p. 223-235.
- _____. Reinventando fases: a família do idoso. *Caderno CRH/UFBA*, Salvador, nº 29, p. 69-87, jun/dez 1998b.
- _____. Idosos na sociedade brasileira no limiar do século XXI. In: GICO, Vânia; SPINELLI, Antônio; VICENTE, Pedro (Orgs.). *As ciências sociais — desafios do milênio*. EDUFRN, PPGCS. Natal, RN, 2001.
- _____. *Espaço doméstico e gerações*: disputas veladas e renúncias ambíguas. Trabalho apresentado no XI Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste. Universidade Federal de Sergipe, agosto 2003. CD-ROM.

As relações afetivas do homem idoso

DORLI KAMKHAGI

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar experiências clínicas pautadas na bibliografia psicanalítica – fundamentalmente na matriz teórica freudiana –, nas quais aspectos do processo do envelhecer são enunciados. Busca-se, especificamente, entender a representação do envelhecimento masculino. São abordadas representações sociais da velhice por meio de fragmentos da mídia, bem como um mapa de aspectos biológicos e psíquicos no homem velho. Apresenta também a ideia de uma clínica do envelhecimento como possibilidade de contornar as problemáticas psíquicas vivenciadas pelo universo das masculinidades. Vinhetas clínicas serão enunciadas com o propósito de demonstrar como se dão algumas dessas relações afetivas no homem idoso.

Palavras-chave: envelhecimento masculino, clínica, aspectos psíquicos e biológicos do envelhecer masculino.

ABSTRACT

The purpose of this article is to present clinical experiences based on the psychoanalytic literature, especially the Freudian theoretical matrix, and discuss aspects related to the ageing process. The main objective is to specifically understand the representations of male ageing. The text discusses the social representations of old age by using media

Mestre em Gerontologia e Doutora em Psicologia Clínica pela PUC de São Paulo. Psicóloga colaboradora do Centro de Estimulação Cognitiva e Funcional do Idoso, do Programa de Psicogeriatria do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.



fragments, and maps out the biological and psychological aspects of elderly men. The article also presents the idea of an antiageing clinic as a way of circumventing the psychological problems experienced by the universe of masculinity. Case reports are included to illustrate some of these problems.

Key words: Male ageing, clinic, psychological and biological aspects related to male ageing

INTRODUÇÃO

Minha experiência clínica nos últimos 20 anos tem sido a criação de grupos de trabalho terapêutico, nos quais o envelhecimento protagoniz(a)ou as maiores angústias e incômodos das pessoas que me procuraram ao longo desse período. Naturalmente, no início, a presença de mulheres era muito mais constante. Todavia, no decorrer dos anos que se seguiram, a aparição significativa e volumosa de homens que procuravam a clínica, inevitavelmente, chamavam-me a atenção. Sucessivamente aumentando essa presença – algumas vezes a ponto de ultrapassar (estatisticamente) a frequência de mulheres –, uma pergunta não calava: seria esse um novo fenômeno? O que estaria acontecendo de fato para que os homens se lançassem a tal investimento emocional com tamanho afinco?

Naturalmente, concomitante às minhas reflexões clínicas, aconteciam reflexões teóricas, fossem no meio da psicobiologia, da psicofísica ou da gerontologia. Com isso, meus estudos começaram a se pautar numa problemática específica do envelhecimento e das questões emocionais no homem idoso.

Aquele homem que envelhece e começa a repensar as próprias questões: “que homem sou; como aprendi a ser homem; como sustentar esse lugar?”. E isso passou a ser meu objeto de estudo.

Esse homem sente as transformações em vários níveis; não são apenas transformações físicas. As psíquicas nem sempre são tão evidentes, mas, certamente, as mais intrigantes. Um bom exemplo para ilustrar o universo do envelhecer masculino é o filme “As confissões de Schmidt”¹. Trata-se da história de um homem que se aposenta e começa a viver

¹ “About Schmidt”, longa dirigido e também protagonizado por Jack Nicholson (2003).

excluído do modelo do qual ele fez parte a vida inteira, ao qual sua identidade estava ligada. A sua identidade masculina, identidade profissional, os seus valores se esvaem. O filme revela uma vivência constante pautada na solidão. Schmidt volta para casa e olha para a mulher ao lado, pensa: “quem é essa velha do meu lado?” Essa mulher? Essa parte minha que eu não reconheço? Nesses momentos do envelhecer, algumas referências se perdem ou ficam para trás, destituídas de valor.

O velho é sempre o outro. Quem é esse outro? Outro que não se percebe, tampouco pode ser reconhecido por si próprio. Para o homem é muito mais difícil, embora para mulheres encontremos milhões de recursos disponíveis, para o homem é muito duro não ser sempre o forte, o provedor, o macho, aquele que conquistou, aquele que esteve em todos os lugares.

Quando o mundo deixa de olhar para esse homem, é um momento de exclusão, de dor e, por que não dizer, de certo luto.

História do envelhecer

O VELHO É SEMPRE O OUTRO. QUEM É ESSE OUTRO? OUTRO QUE NÃO SE PERCEBE, TAMPOUCO PODE SER RECONHECIDO POR SI PRÓPRIO. PARA O HOMEM É MUITO MAIS DIFÍCIL, EMBORA PARA MULHERES ENCONTREMOS MILHÕES DE RECURSOS DISPONÍVEIS, PARA O HOMEM É MUITO DURO NÃO SER SEMPRE O FORTE, O PROVIDOR, O MACHO, AQUELE QUE CONQUISTOU, AQUELE QUE ESTEVE EM TODOS OS LUGARES.

Historicamente falando, o envelhecer era visto ora como um momento muito maravilhoso, ora como algo da decrepitude. Na sociedade grega, era o ideal de beleza, como era difícil não ser tão ágil, tão belo; na sociedade judaica, a coroa de um povo são os velhos, cabelos brancos, honrar pai e mãe, está nos testamentos; mas, em contrapartida, esse homem que ia perdendo a força, se ele não fosse rico ou tivesse um lugar para ficar. Na sociedade romana, o chefe da família tinha uma honra muito grande, ele era o *pater familias*, era poderoso; aclamado, principalmente se rico e nobre, podia fazer parte dos Conselhos. No século XVIII, XIX, ser velho é ser obsoleto: o que é velho não se usa, não é tão bom; a máxima dos anos 1950 e 1960 era “não confie em ninguém com mais de 30 anos”, e, de repente, essa mídia maravilhosa que nos bombardeia: não podemos envelhecer, não devemos envelhecer.

Como é penoso o fim de um velho! Ele enfraquece todos os dias, a sua vista diminui e os ouvidos tornam-se surdos, faltam as forças e o coração já não tem descanso, torna-se silencioso e já pouco fala. As suas faculdades intelectuais diminuem e é impossível lembrar-se hoje do que aconteceu ontem. Todos os ossos lhe provocam dor. As tarefas que há pouco se entregavam com entusiasmo apenas se cumprem com dificuldade e desaparece mesmo o sentido do gosto. A velhice é o pior dos males que podem afligir um homem. (MINOIS, *História da velhice no Ocidente*, 1999, p. 28)

Nós somos colonizados pelo nosso social, de algum jeito, que traz essa imagem do idoso, embora estejamos cuidando disso, e para o homem que envelhece é difícil, porque ele é bombardeado, ele tem de condensar forças, e, muitas vezes, é muito difícil não se sentir mal com tais acontecimentos.

Assim, o idoso hoje carrega em sua definição algo mesclado desses momentos históricos, de maneira até paradoxal, pois tem valor, mas não tem ao mesmo tempo.

Perdas que acompanham o envelhecer

As sensações reatualizadas de perda aparecem invariavelmente somadas à dor e solidão. Segundo Olievenstein:

[...] quando se trata de relações humanas que se desenrolam em certo tempo vivido, é preciso, ao mesmo tempo, como afirma Lévinas, dizer e desdizer. O amor está presente ao mesmo tempo que é ódio. O tempo é longo e também é terrivelmente curto. A felicidade está presente, bem como a infelicidade. É bom envelhecer, adquirir a experiência, o saber. Não é bom não poder fazer. É possível falar, fingir, através de um falso brilho. Quase não é possível negar nossos próprios lapsos de memória, as confusões do pensamento. [...] Somos solitários no tempo em que vivemos. Cada um possui o seu tempo, medido no tamanho de sua angústia, de sua solidão, de sua beleza, de seu rosto ainda sem rugas, depois com poucas rugas. O tempo é, sobretudo, o que passamos com os outros, no que eles nos remetem, sobre nós mesmos. Não há tempo sem interlocutores, mesmo a solidão é cheia da presença do outro. Este outro que significa que o passado é passado, define o nosso futuro, pois sem ele não estaríamos aqui. (OLIEVENSTEIN, *O nascimento da velhice*, 2001, p. 48)

Dores do mundo que envelhece

Esta é uma questão que aparece muito nos grupos terapêuticos, em que os homens conseguem falar, falar da dor, da decrepitude física. O que posso, o que consigo dentro de minhas limitações? Há uma espécie de briga entre aquilo que eu posso e aquilo que demandam de mim.

Os aspectos psíquicos apresentam o sentimento do despertecer, do medo da decrepitude, medo do que vai acontecer diante das perdas e dos lutos que precisarão ser encarados. Tais aspectos, para o homem contemporâneo, apresentam-se repletos de nuances. A mídia e a sociedade impõem a ideia de *forever young*, como se um compromisso da eterna juventude estivesse previamente firmado.

Não ser mais jovem, viver essa crise, essa transição, o medo de cair, coloca o homem idoso em xeque diante de sua trajetória. A mudança física não acompanha as psíquicas.

É como se pensássemos no famoso Retrato de Dorian Gray² (divinamente escrito por Oscar Wilde), que aborda o medo do homem envelhecendo que se lança a passos perversos criando para si pactos para sentir-se potente, jovem e viril.

Vejo alguns pacientes que se colocam em situações difíceis com duas, três relações amorosas. Não faço juízo de tais decisões – se der conta, perfeito –, mas, muitas vezes, para ter quem me aplauda, para mostrar que não estou envelhecendo, esse momento é de grande ruptura, é um momento de depressão, e tais artificios acabam sendo apenas mais um elemento ilusório da busca de ser reconhecido como jovem.

Nem tudo é patológico, mas há, de fato, aquele momento em que a tristeza compromete o bem-estar do idoso. Assim a tecnologia e a moda, somadas a tantos avanços científicos, contribuem de certa maneira para amenizar tais sofrimentos (claro que por vezes os acentuam). Vejamos como isso se dá:

NÃO SER MAIS JOVEM, VIVER ESSA
CRISE, ESSA TRANSIÇÃO, O MEDO DE
CAIR, COLOCA O HOMEM IDOSO EM
XEQUE DIANTE DE SUA TRAJETÓRIA.
A MUDANÇA FÍSICA NÃO ACOMPANHA
AS PSÍQUICAS.

² WILDE, Oscar, O retrato de Dorian Gray, São Paulo: Francisco Alves, 1989 (disponível em várias editoras).

Mídias do envelhecer

Podemos fazer as plásticas, usar todas as vitaminas, mas existem limites e esses limites são reais, é preciso aceitá-los. Existem duas fases na velhice e elas não estão definidas com critérios claros e objetivos. Podemos designar velhice por um momento dessa diversidade de estados físicos, mentais, de ânimo, de vários aspectos e ver que as pessoas começam a entrar nesse movimento, mas elas ainda estão produtivas. Geralmente os homens com 60, 65 anos, até mais, e muitos levam a vida toda atravessando alguns momentos de negação. Em outra fase há esse primeiro momento: a pessoa ainda está ativa, criativa, produtiva, e é uma coisa que se vê cada vez mais presente nos consultórios. Pessoas que querem fazer uma revisão da sua história, pessoas que querem perdoar, se for o caso, entender alguns processos, e os homens têm procurado muito isso.

Os homens querem sair daquele lugar em que se colocaram, um lugar de aprisionamento, um lugar muito difícil, um lugar que tirou deles uma parte da sensibilidade, uma parte da espontaneidade, porque a espontaneidade é muito importante, é vida, é transformação, é a capacidade da gente se reinventar e se descobrir, e isso a gente pode fazer a vida inteira, mas há algumas pessoas que ficaram totalmente cristalizadas em um modelo. Elas têm medo de perder absolutamente tudo, mas elas não vão perder. Uma porta fechou-se, alguma coisa vai acontecer, se você cair, alguém te levanta.

Nesse momento, sem grandes impedimentos a pessoa faz muitas coisas, tem projeto de vida, libido de vida, libido sexual e de vida, de que Freud fala e que é tão importante, tem Eros e Thanatos. Eros que motiva, não só das relações sexuais, mas assistir a um filme, passear, ler um texto, um livro? Enquanto essa vontade, esse desejo, essa curiosidade estão presentes, ficamos mobilizados, e isso é vida, e essa vida nos transforma.

Outrora se falava que não se fazia terapia com idosos e cada vez mais está se provando que sim, porque as pessoas têm capacidade de fazer novos vínculos e esses vínculos são importantíssimos. Tem outra fase, mais difícil, em que os homens sofrem muito, que são os momentos da

EM OUTRA FASE HÁ ESSE PRIMEIRO MOMENTO: A PESSOA AINDA ESTÁ ATIVA, CRIATIVA, PRODUTIVA, E É UMA COISA QUE SE VÊ CADA VEZ MAIS PRESENTE NOS CONSULTÓRIOS. PESSOAS QUE QUEREM FAZER UMA REVISÃO DA SUA HISTÓRIA, PESSOAS QUE QUEREM PERDOAR, SE FOR O CASO, ENTENDER ALGUNS PROCESSOS, E OS HOMENS TÊM PROCURADO MUITO ISSO.

doença, de restrições impeditivas, em que a pessoa não pode mais tomar algumas decisões. Essa fase, com a medicalização, pode demorar muitos e muitos anos, e as pessoas acabam ficando num patamar de muita dor, de muito isolamento e, mais que tudo, de sofrimento, e eventualmente ocorre também a perda de condições financeiras.

SEMPRE EXISTIRÁ UM OUTRO QUE É MAIS VELHO. DESSA FORMA SEMPRE NOS REMETEMOS A UMA OUTRA VELHICE, POIS ALGUÉM É MAIS VELHO: “O VELHO É SEMPRE O OUTRO”.

Tem pessoas que começam a viver o envelhecimento por muitas razões. Quando elas têm a perda de um amor, ou uma vivência dolorosa e elas começam a se retirar, a sentir que estão envelhecendo, ou alguma coisa que muda em seu físico, a gente sabe que as questões emocionais e psíquicas são subjetivas. Outras pessoas vivem e parecem que nem passaram por isso; talvez por uma negação, elas conseguem viver dificuldades enormes, transpondo, indo, querendo ver a vida, bebendo cada gota d'água. Nós estamos estudando por que algumas pessoas toleram tantas frustrações, mudanças físicas, e outras têm mais dificuldade. Para alguns homens, às vezes, aos 40 anos, perdem algum trabalho e não conseguem mais recolocação, então eles vivem como depressão, como uma impotência: deixam de ter potência física, sexual e de criação.

Lugares simbólicos

Simone de Beauvoir dizia que não se nasce mulher, torna-se mulher. Penso que dá para emprestar a máxima para o universo masculino: os homens não nascem homens, tornam-se homens.

Simone de Beauvoir aponta a dificuldade das pessoas em aceitar o processo de envelhecimento. Sempre existirá um outro que é mais velho. Dessa forma sempre nos remetemos a uma outra velhice, pois alguém é mais velho: “O velho é sempre o outro”.

Uma questão impõe-se imediatamente. A velhice não é um fato estático; é o prolongamento de um processo. Em que consiste esse processo? Em outras palavras: O que é envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança é uma mudança contínua. Caberia concluir daí, como fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? É evidente que não. Um tal paradoxo desconhece a essencial verdade da vida; esta é um sistema instável no qual,

a cada instante, o equilíbrio se perde e se reconquista: é a inércia que é sinônimo de morte. Mudar é a lei da vida. É um certo tipo de mudança que caracteriza o envelhecimento irreversível e desfavorável: um declínio (BEAUVOIR, 1970. p. 17).

Voltando às questões das perdas, não ter um trabalho, um lugar que me receba, uma pessoa que me escute é extremamente difícil. Como eu preciso acordar e sair, ter um rumo, um lugar, sentir-me respeitado e responsabilizado. Isto é um tema muito importante: a convivência social, fazer parte de grupos, ouvir e ser ouvido. Para o homem, significa estar sendo acolhido; essa questão de ouvir ressignifica minha história, ajuda-me a repensar, o que eu posso fazer, o que eu posso modificar?

Ao perder o trabalho [como muitos Schmidts do enunciado filme], o convívio social, ele também acaba se isolando dentro da família. Em meu consultório, eles falam: “sinto que minha mulher não gosta mais de mim, meus amigos não me olham mais, eu tenho vergonha, é uma situação muito difícil”. Ele teve lugares simbólicos, de pai, de chefe, de homem que tinha o poder e era respeitado, e dentro da nossa sociedade ser respeitado tem a ver com ganho, porque quem tem sucesso tem dinheiro, tem um lugar para fazer parte. A família acolhe, mas eu também acho que a família, muitas vezes, não consegue acolher. Eu vejo muitas vezes a família colocar aquele que perde o trabalho, o marido, como o bode expiatório: ele não foi competente o suficiente, ele perdeu uma oportunidade, ele me deixou em privação e, de repente, a gente não vê toda uma história de vida, porque o casal, ele tem uma história de vida. E essa história, esse legado é muito importante. Hoje eu não posso ter tudo, mas e o que te dei ontem? Numa história de amor existe o ontem e o hoje para que seja possível traçar pontes para o futuro.

Eu vejo casais que estão juntos e que dizem: “nós estamos juntos até que o ódio nos separe”. Homens que também dizem: “não quero mais ficar com ela”. Tenho 75 anos, meus filhos já casaram, tenho netos, e agora quero viver coisas minhas. Trata-se de uma nova fala que acontece. Recentemente, nas proximidades do Dia dos Namorados, um paciente me disse: “quero viver com minha namorada, acho que cumpri uma série de coisas, então não tem o certo ou o errado”; é contemporaneidade derrubando modelos.

COMO EU PRECISO ACORDAR
E SAIR, TER UM RUMO, UM
LUGAR, SENTIR-ME RESPEITADO
E RESPONSABILIZADO. ISTO É
UM TEMA MUITO IMPORTANTE: A
CONVIVÊNCIA SOCIAL, FAZER PARTE
DE GRUPOS, OUVIR E SER OUVIDO.

Esse homem que transitou por muitos lugares, pelo mundo, pela sociedade, que teve um trabalho importante, que teve um diploma, que teve filhos, esse lugar da paternidade, embora não saia do corpo dele esse filho, ele se torna pai, ele aprende a ser pai e, muitas vezes, como é difícil para esse homem ser pai. O que é ser pai? É ser cuidador? É ser aconselhador? Será que essa mãe deu lugar para esse pai também? Muitos conflitos que percebo hoje nos homens mais velhos ao dizerem: “eu nunca consegui conversar com meu filho, porque o lugar da conversa era minha mulher que tinha. Eu tinha o lugar de dar bronca, de passar as leis, as tradições geracionais da família, eu não sabia conversar com meu filho”.

ESSE PAI APRENDE A SER PAI OU NÃO. APRENDE A SER HOMEM, TEM DE PASSAR POR ESSE PAPEL DE PATERNIDADE, ONDE ELE VAI ACHAR ESSE LUGAR: É O LUGAR DA LEI, DA ORDEM, MAS É, TAMBÉM, UM LUGAR DE QUE O FILHO PRECISA.

“Hoje, eu vou com meu neto tomar um chopinho” – o avô consegue fazer muitas coisas com o neto e com o filho não, que ele não aceitava. Quantos senhores não falam hoje sobre a dificuldade da relação com os filhos: “Meu filho não falava sobre sexualidade, meu filho não podia me contar coisas, porque eu não aceitava, mas que hoje estou começando a entender”. Esse pai aprende a ser pai ou não. Aprende a ser homem, tem de passar por esse papel de paternidade, onde ele vai achar esse lugar: é o lugar da lei, da ordem, mas é, também, um lugar de que o filho precisa. O lugar do Édipo, e esse pai vai colocar a lei, os limites, só que às vezes esse pai não tem esse lugar, porque a mãe fez essa função. É bom nesse momento do envelhecer, em que se descobre muita coisa, e isso é muito rico. Muitas vezes, alguns pacientes dizem: “eu não consegui ser um pai, mas hoje eu entendo meu neto e posso perdoar meu pai”. É esse ciclo da intergeracionalidade. “Hoje, eu entendo por que meu pai não falava comigo, porque era uma época em que se batia, em que não se tinha afeto. Estou reaprendendo o que posso fazer e o que eu posso ter”. Na terapia eles falam da dificuldade do toque, dessa dificuldade do amor, dessa impotência. Eles falam com os netos, com as terapeutas, desse medo da impotência, de não dar conta, de que eu não estou mais conseguindo, da minha fragilidade emocional e da minha fragilidade sexual: “No momento em que eu não tiver mais o lugar de pai e não puder me sentir avô eu vou me sentir muito impotente”. No modelo masculino tradicional, era sempre o lugar do pai dando as leis e isso tem mudado com as mulheres trabalhando, ganhando dinheiro, querendo um lugar para sua sexualidade.

Sexualidade

A sexualidade dos casais está se transformando. Existe, sim, essa construção de uma identidade masculina, e ela está passando por muitas mudanças. As pessoas de 70, 80, 90 anos que estão envelhecendo, entrando nesse fantasma de envelhecimento, acho que são privilegiadas, porque a gente carrega muito ranço do passado, mas a gente carrega valores, muito legados, muitas histórias, muitas fotos, que podem não estar em álbuns, mas estão nas nossas memórias. É sofrido? É sofrido, mas nós temos uma possibilidade, porque vamos viver. E se vamos viver muito, nós, homens, temos muito o que fazer. Podemos trabalhar. Os homens querem, sim, querem saber o que é ser homem, como responder a muitas questões. Antigamente, Freud tinha uma questão: o que quer a mulher? Atualmente, é o que quer o homem? Ele quer muita coisa, quer ser reconhecido, quer ser amado, quer ser cuidado, quer ser paparicado; eles falam: “tenho vontade de sentir um carinho, de receber uma carta de amor”. Está se pedindo: poder falar da minha fragilidade é muito importante. O homem não chorava, não expressava a dor, não ficava perto, não se abraçava. Era tudo muito escondido, era tudo muito certinho, e hoje eles querem poder falar de tudo, das dores, das falhas, do medo: “qual mulher que me faz sentir bem? Será que eu tenho dificuldades sexuais? Para onde estou indo? Que caminhos posso percorrer, e com quem? Acho que isso é um direito, e ter direitos é muito importante. Eu quero uma companheira, eu quero estar sozinho”.

Alguns homens se sentem bem lendo, vendo filmes, reaprendendo a estar consigo mesmos, e estar consigo não é solidão. Houve uma grande valorização da masculinidade, era importante para os mais velhos, isso fez parte da sociedade patriarcal.

Esse poder de não viver as emoções e os sentimentos, e hoje, já sabemos que a gente adoce se não falar da solidão, da dor, da minha raiva, como é importante isso para minha vida. É importante saber que tenho uma sexualidade e uma potência, tenho que ver como ela anda, poder estar perto de outros homens, porque era tão proibido. É diferente estar amadurecendo, é diferente estar envelhecendo, nem sempre esses

ESSE PODER DE NÃO VIVER AS
EMOÇÕES E OS SENTIMENTOS, E
HOJE, JÁ SABEMOS QUE A GENTE
ADOCE SE NÃO FALAR DA SOLIDÃO,
DA DOR, DA MINHA RAIVA, COMO
É IMPORTANTE ISSO PARA MINHA
VIDA.

sucessos são marcadores de masculinidade, de que sou o máximo, de que dei certo. E sempre teve a coisa do êxito, de o sucesso ter sido colocado sobre a autoestima. A gente quer ser reconhecido, quer ganhar dinheiro, quer ser aplaudido e nem sempre é o que acontece.

O que é importante nesse processo de envelhecimento? As pessoas contam que elas param de se ver, elas param de olhar para si mesmas, elas não aceitam essa imagem, há esse movimento de exclusão social, os grupos de que a pessoa participava começam a ficar menores, porque ela começa a fazer menos coisas, tem medo de ir para os lugares, está frio, está chovendo, será que devo? Será que posso? Muitas pessoas não fazem mais parte da minha vida. O mundo muda, as modas mudam, há toda uma questão geográfica, física, psíquica e emocional que está mudando e eu preciso aceitar essas transformações.

Um pouco de clínica: o amadurecimento masculino

Certo dia, surgiu em meu consultório um paciente, com a esposa, e ela dizia: “ele está com depressão”; e ela não parava de falar. Pedi que saísse para eu conversar com ele e percebi que ele estava apenas muito triste, o que é bem diferente de estar com depressão. Às vezes é até saudável poder estar triste, e ele precisava falar. Depois que a esposa saiu da sala e ele pode começar a falar um pouco dele, voltar-se para dentro dele foi muito importante. Esse reencontro com as “minhas” coisas é muito importante. Esse homem tem 87 anos, e uma das coisas mais interessantes que tenho percebido é que falar da sua história de vida, dar novos ressignificados, ajuda muito na busca de lugares. Muitas pessoas que estavam se sentindo excluídas, sem trabalhar, voltam.

MUITAS PESSOAS NÃO FAZEM MAIS PARTE DA MINHA VIDA. O MUNDO MUDA, AS MODAS MUDAM, HÁ TODA UMA QUESTÃO GEOGRÁFICA, FÍSICA, PSÍQUICA E EMOCIONAL QUE ESTÁ MUDANDO E EU PRECISO ACEITAR ESSAS TRANSFORMAÇÕES.

Outro caso que atendi: um profissional liberal muito bem-sucedido, na época tinha 65 anos, mas ele aparentava mais. Ele procurou análise, depois de uma doença grave em que ele quase morreu. A doença também corroe muito dinheiro dele, porque ele ficou sem trabalho e sem fonte de renda. Ele se queixava de muita cobrança por parte da família dele, que ora o via como doente, ora como culpado pela perda do *status* familiar. Ele mostrava também uma grande compulsão pela vida. Que-

ria muito viver, isto é, tinha vontade de recuperar um tempo perdido, roubado pela doença que o acometera. Nas sessões, trazia o desejo de ter uma namorada, uma amante, mesmo casado, ele tinha vontade de viver uma outra história de amor. As relações familiares e a vontade de outros projetos foram muito abordadas por ele. O medo de envelhecer e a sensação de ter sido sempre um estrangeiro em todos os lugares e as posições que ocupara também vinham nas sessões. O sentimento de ambiguidade ficava muito evidente. Ele sempre trazia o passado, lembrado com muito orgulho: que a mãe tinha sido muito importante, mas também com certa arrogância, permeada pela percepção de que algo faltava. Para esse paciente, a perda do lugar de mantenedor, na estrutura familiar, era vista com um misto de vergonha e fracasso, que evocava um sentimento de medo e de raiva, muito escondido, ligado à figura paterna. Essas cenas surgiam com a angústia de não ter relações sexuais pela rejeição da mulher, agora que ele se sentia tão vigoroso. O que emergia nas sessões eram oscilações entre uma atitude de arrogância e depressiva. Percebia-se que muito sofrimento estava contido nesse movimento ambíguo. Era ao mesmo tempo sentimento de solidão e medo. Enfim, ao voltar, três meses depois, por causa de um acidente que sofreu, ele mostrou o desejo de continuar nesse processo de terapia, de resgatar seu lugar na vida.

Perder o lugar outrora ocupado com sucesso, com o envelhecer, pode ser sentido de forma aterrorizante. O trabalho é uma referência da identidade construída ao longo de uma trajetória. Nesse caso, em especial, significava um espaço que, talvez, nunca mais pudesse ser recuperado. As dificuldades vivenciadas por ele, que foram anunciadas pelo envelhecer, abrem espaços para uma denúncia e uma nova forma de culto à vida. Afinal, o espaço analítico é um espaço em que as antigas vivências se atualizam, e, o que é importante, nesse caso ele já se sentia um pouco cansado, mas ele sentia muita vontade de viver. Tais estudos revelaram para algumas pessoas a terapia em grupo, ajudando-os na retomada de seu lugar na sociedade.

O TRABALHO É UMA REFERÊNCIA DA IDENTIDADE CONSTRUÍDA AO LONGO DE UMA TRAJETÓRIA. NESSE CASO, EM ESPECIAL, SIGNIFICAVA UM ESPAÇO QUE, TALVEZ, NUNCA MAIS PUDESSE SER RECUPERADO. AS DIFICULDADES VIVENCIADAS POR ELE, QUE FORAM ANUNCIADAS PELO ENVELHECER, ABREM ESPAÇOS PARA UMA DENÚNCIA E UMA NOVA FORMA DE CULTO À VIDA.

Considerações finais

Alguns pacientes descobrem que ainda há uma época de vida muito importante para ser vivida, e a solidão, principalmente para os homens, pode levar algumas vezes à tentativa de suicídio. Possibilidades de recuperar espaços internos ajudam a combater aspectos depressivos; algumas pessoas começam a perceber que não foram somente vítimas de suas histórias, mas também participantes ativas, e a possibilidade de fazer rememoração em grupo, trabalhos de memória, cria uma conexão profunda entre o grupo. O que é importante nisso?

Os pacientes conseguem retomar antigas experiências, o trabalho terapêutico permite que possam ter desejos outra vez, antigos projetos podem ser retomados, o amadurecimento vai ter um papel importante como movimento de transformação: algumas pessoas conseguem se libertar de velhos medos e fazem novas escolhas. Alguns afirmam que podem, agora, reescrever suas próprias histórias. Só para terminar, o momento do outono da vida. Algumas pessoas estão falando, os homens estão falando que estão perdendo sua sexualidade e não querem abrir mão disso; a importância de transmitir legados para seus filhos e netos, de ver como é rica a vida, a possibilidade de reconstruir-se partindo de uma percepção interna, e daí muitos deixam de falar no “meu tempo” para falar no “presente de si”.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BEAUVOIR, S. *La vejez*. Buenos Aires: Sudamericana, 1970.
MINOIS, Georges. *História da velhice no Ocidente*. Lisboa: Editorial Teorema, 1999.
OLIEVENSTEIN, Claude. *O nascimento da velhice*. Bauru: EDUSC, 2001.
WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Francisco Alves, 1989.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ADDUCI, E. *Psicoanálises de la vejez*. Buenos Aires: Ediciones Kargienan, 1982.
ALBA, V. *Historia social de la vejez*. Barcelona: Ediciones Laerte S.A., 1992.

- BOBBIO, N. *O tempo da memória: de senectude e outros estudos bibliográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- FREUD, S. (1914). Luto e melancolia. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____ (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____ (1915). Sobre a transitoriedade. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GOLDFARB, D. C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- HAMILTON, Ian Stuart. *A psicologia do envelhecimento: uma introdução*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- HAYFLICK, L. *Como e por que envelhecemos*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- KAMKHAGI, Dorli. *Psicanálise e velhice: sobre a clínica do envelhecer*. São Paulo: Via Lettera, 2008.



Sexualidade e amor no homem idoso

ÂNGELA MUCIDA

RESUMO

Tomando como fio condutor a proposição: “há um sujeito que não envelhece, apesar da velhice”, destacamos algumas consequências para o conceito de velhice e a sexualidade masculina. Para a psicanálise a sexualidade constitui-se por marcas e identificações advindas da relação de cada sujeito com o Outro e, portanto, é permeada pelo campo da fantasia. Não importando a idade, na sexualidade encontram-se traços que não envelhecem e determinam respostas singulares de como cada um conduzirá a passagem do tempo e as marcas da velhice. Apoiando-se em fragmentos literários e clínicos, indicamos que o desejo não envelhece e o sujeito se mantém como “desejante”, por meio de um conjunto de relações que se torna mais complexo à medida que envelhece. A identificação entre masculinidade, potência fálica, desempenho e poder pode acarretar na velhice uma associação entre envelhecimento e perda do desejo, com efeitos sobre a sexualidade, sobretudo com a aposentadoria. Discutimos o efeito “Viagra” sobre a sexualidade na velhice, analisando as condições do amor e os tabus ainda vigentes em relação à vida sexual e amorosa do homem idoso.

Palavras-chave: inconsciente, desejo, sexualidade, impotência, amor.

Psicóloga, Psicanalista
Membro da Escola
dos Fóruns do Campo
Lacaniano, Mestre
em Filosofia (UFMG).
Doutoranda em Psicologia/
Psicanálise (UFMG).
Professora Adjunta do
Centro Universitário Newton
Paiva e Coordenadora da
Especialização em Saúde
Mental e Psicanálise nesta
instituição.
angelamucida@terra.com.br

ABSTRACT

Assuming as premise the proposition that “there is a subject who does not age in spite of being a senior citizen”, we highlight some of its consequences for the concept of old age and male sexuality. According to psychoanalysis, sexuality is marked and identified by the relationship of each subject with the Other and, therefore, is permeated by the field of fantasy. Regardless of one’s age, certain sexuality traits will not “age” and, therefore, will determine singular responses as to how each individual will deal with the passage of time and the marks of aging. Based on clinical and literary fragments, we suggest that one’s desire will not age and that subjects will maintain their desire through a set of relationships that become more complex as they grow older. The identification between masculinity, phallic power, performance and power in old age can cause an association between aging and loss of desire, which will have an effect on sexuality, especially during retirement. We discuss the effect of “Viagra” on sexuality in old age, analyzing the conditions of love and the taboos that still exist in relation to sex and love for elderly men.

Keywords: unconscious, desire, sexuality, impotence, love.

Sobre o sujeito que não envelhece

Antes de falar sobre a sexualidade masculina, retomarei brevemente a proposição: o sujeito não envelhece, apesar da velhice ¹, pois ela conjuga-se intimamente com o conceito de sexualidade a ser desenvolvido. O que significa pensar que há um sujeito que não envelhece em toda velhice?

De imediato parece bem simples a resposta: a velhice não traz em cena outro sujeito. Todavia, há um tempo que passa e deixa suas marcas, e ninguém se pode dizer imune aos efeitos da temporalidade, o que passa no decurso do tempo. Escutando idosos na clínica e em supervisão, bem como em situações asilares e na vida cotidiana, deparei que, malgrado exista a velhice com suas marcas, perdas e modificações, inclusive de alguns laços sociais, há um sujeito que não envelhece. Este se refere ao sujeito do inconsciente. Retomemos rapidamente, a título de ilustração, a constituição do aparelho psíquico, descrita por Freud.

1 MUCIDA, Ângela. *O sujeito não envelhece* – psicanálise e velhice, 2006

Na Carta 52² Freud expõe um aparelho psíquico constituído por traços ou estratificações. No primeiro tempo encontram-se os primeiros traços da percepção, traços arcaicos da memória que, uma vez marcados, não se alteram com a passagem do tempo, não envelhecem e não morrem. Esse atemporal do inconsciente delimita, a nosso ver, o que jamais envelhece. Esses primeiros traços, efetivos e indestrutíveis, e exercendo influência sobre tudo que vem depois, não podem ser lembrados ou trazidos à consciência. Entre esse primeiro tempo e o segundo, há uma barra à tradução, ao sentido, nomeada nessa época de recalque. Apenas no terceiro tempo surgem as representações verbais, as palavras. Ou seja, antes de falar, entender as palavras e nomear nossas vivências fomos falados, olhados, tocados, nomeados e só depois tentamos encontrar sentidos diversos para esse tempo irrecuperável, mas que marca nossa entrada no mundo da linguagem.

De outra forma: nascemos em um mundo permeado de palavras escutadas, faladas, sentidas, esquecidas, lembradas como ecos de outro tempo, mas que não morrem. Algumas grifam efeitos do que nos tornamos, mesmo que muitas nos escapem. A velhice é uma escrita dessa memória. Onde começou essa escrita, onde termina? O quase silêncio habita seu princípio e seu fim³. Nome, lugar na família, frases escutadas tomam depois alguns sentidos. Essas primeiras marcas, não morrendo e não se apagando, sofrem ao longo do tempo novas traduções, outros sentidos, atualizam-se na vida que caminha. Assim, a velhice não traz em cena outro sujeito e cada um só pode vivenciá-la de maneira totalmente particular, com seus traços e sua maneira de traduzir a vida. Deduzimos dessa maneira que a velhice se escreve com vários estilos. Estes indicam como cada um edita um texto com as “letras” recebidas.

Esses traços, por não se modificarem com o tempo, oferecem a sensação de que o tempo não passou e de que somos os mesmos, acarretando dificuldades em reconhecer-se na imagem envelhecida. Como não envelhecemos de uma só vez, percebemos o envelhecimento muito mais claramente nos outros do que em nós mesmos.

O envelhecimento é uma escrita que não para e nela encontra-se a velhice. Talvez essa falta de intervalo seja seu grande triunfo, tornando-se difícil perceber nesse processo contínuo e radical – envelhecemos desde sempre – em que ponto, vírgula, parágrafo, interrogação, entrelinha desse texto – nossa vida – a velhice escreveu-se de forma incisiva e

2 FREUD, Sigmund. *Carta 52* (1895), 1976, p. 317.

3 MUCIDA, Ângela. *Escrita de uma memória que não se apaga – envelhecimento e velhice*, 2009, p. 21.

radical. Ou ela lá esteve desde sempre, tão colada à vida que só podemos vislumbrá-la fora de nós mesmos⁴?

Nesses três tempos da constituição do aparelho psíquico, podemos extrair três concepções de tempo: um tempo que caminha para trás, pois o passado não sendo morto tem efeitos vivos sobre o presente, um tempo que caminha para a frente e outro imodificável, nomeado por Freud de atemporal, fora do tempo, extratemporal ou que desconhece a passagem do tempo. Este tempo constitui nosso inconsciente.

TRÊS CONCEPÇÕES DE TEMPO:
UM TEMPO QUE CAMINHA PARA
TRÁS, POIS O PASSADO NÃO
SENDO MORTO TEM EFEITOS VIVOS
SOBRE O PRESENTE, UM TEMPO
QUE CAMINHA PARA A FRENTE E
OUTRO IMODIFICÁVEL, NOMEADO
POR FREUD DE ATEMPORAL, FORA
DO TEMPO, EXTRATEMPORAL OU
QUE DESCONHECE A PASSAGEM DO
TEMPO.

Na clínica isso é muito visível. Por exemplo, um sujeito de 83 anos traz para sua análise lembranças e experiências vividas em seu casamento de mais de 50 anos. Nelas encontram-se as mesmas queixas de quando se casou: um marido que viajava deixando-a sozinha, a desconfiança de traição e a sombra da outra mulher em sua vida. Quando jovem vasculhava a mala do marido em busca de traços da outra: batons, odores e outros restos menos visíveis. Agora se queixa de suas idas aos bailes de 3ª idade, dos quais ela se nega em participar, mesmo sob a insistência frequente dele. É enfática ao dizer: “agora eu não quero mais, ele já me conhece, sempre fui orgulhosa e pirracenta! Ele passou a vida longe de mim, agora já não o quero mais!”. Entre o não querer, algo ela demonstra desejar, tanto que não faltava às sessões. Lembra-se do “orgulho ferido” durante sua infância, diante das preferências da mãe ao irmão mais novo, afirmando com desalento: “isso não muda!”. Se isso não muda, o que pode mudar? Espanta-se com a pergunta e responde: será que tem jeito nessa idade? Disso que se repete e se fala, algo se escuta e tem efeitos sobre ela. Não é por nada que, mesmo sob as queixas e um orgulho ferido, é o marido que a acompanha à análise.

Dessa forma, não importa a idade, quando escutamos idosos, escutamos sujeitos que trazem marcas e lembranças vivas que traduzem a maneira mais singular de cada um envelhecer. A velhice pode também fazer ressurgir pontos aparentemente adormecidos provocando angústias, sintomas os mais diversos e que exigem um tratamento.

⁴ Idem, *ibid.*, p. 23

A sexualidade e as marcas infantis

A psicanálise desde Freud parte do princípio de que a sexualidade se impõe muito precocemente a todos nós. Como isso ocorre? Exatamente pelo encontro com o primeiro Outro, que funcionará como suporte à nossa entrada no mundo da linguagem. Antes de poder dizer o que desejamos, alguém irá nomear nossos desconfortos como fome, sede, calor e outros cuidados que tocam a necessidade. Essa nomeação passa por acertos e erros; por exemplo: a criança chora de fome e a mãe dá mais comida e o bebê vomita. Outra hora ele chora porque está com fome e a mãe entende que se trata de outro desconforto. De toda forma esses encontros deixam marcas, boas e más, constituindo, conforme Freud, as primeiras “experiências de satisfação”.

A satisfação pulsional constitui-se pelo conjunto de marcas que compõem cada história de vida. São maneiras muito próprias pelas quais cada sujeito teceu sua relação com o Outro. Ela não implica necessariamente o prazer; indica que algo se satisfaz inconscientemente, e isso pode ser, inclusive, pelo sofrimento. Observamos que alguns sujeitos não abrem mão do sofrimento, mesmo que outras saídas se descortinem para eles. Trata-se aí de um ganho, um tipo de satisfação, mas inconsciente e, na maioria das vezes, desconhecido para o sujeito e da qual ele não consegue se livrar facilmente⁵. Pois bem, por que este percurso todo quando nossa questão é a sexualidade?

Exatamente porque para a psicanálise a sexualidade não se reduz à genitalidade, ao coito, ao sexo, nem ao encontro entre os sexos. A sexualidade apresenta-se muito precocemente pelas primeiras experiências com o Outro, que deixarão marcas em suas escolhas, sobre aquilo que o atrai ou repugna. Nessa direção, Freud acentuou que a sexualidade adulta é a sexualidade infantil, com a diferença de que a primeira é aberta à possibilidade das relações sexuais.

Outro ponto importante é que, nessas primeiras experiências, não existe a princípio um objeto adequado à satisfação do desejo; ele é introduzido pelo Outro, a mãe ou substituto para tentar responder e nomear o desconforto da criança. Algo é oferecido à criança sem que ela peça exatamente aquilo, inaugurando depois uma série de pedidos ao Outro, que contêm sempre algo além do que se pede: o desejo.

⁵ A propósito ver: Ângela Mucida, “Aposentadoria e trabalho de luto”, em *Escrita de uma memória que não se apaga*, 2009, p.65-66

O desejo constitui-se por algo que falta. É exatamente porque a mãe não consegue acertar tudo que a criança começará a pedir mais e mais. Pede-se uma coisa, mas se deseja outra e isso é visível no campo amoroso. Vemos crianças pedindo isso e aquilo enquanto a mãe conversa com a amiga, ou ela faz de tudo para que a atenção se volte para ela. Ela pede chocolate quando na realidade ela quer outra coisa que não sabe dizer. Podemos afirmar que o objeto do desejo não existe na realidade tal como imaginado. Isso implica que nenhum objeto fabricado, seja pela ciência ou pelo mercado de bens, é capaz de nos oferecer aquilo que desejamos. Criamos então objetos de desejo exatamente pela falta de um objeto completamente adequado, demonstrando que ele é sempre inefável e, muitas vezes, obscuro para cada um.

É esta falta que anima o amor e a sexualidade. Falta o objeto adequado e, se ele aparece tal qual imaginado, o sujeito pode se angustiar. Alguns temem exatamente o êxito, seja na relação de amor, sexual ou de trabalho. É como se, ao se defrontarem com um desejo realizado, isso acarretasse uma perda em sua “máquina” desejante. Saber o que se deseja nunca é uma tarefa fácil. Isso pode ser visto pela angústia que muitas crianças sentem diante dos três desejos no conto de Aladim e sua lâmpada maravilhosa. Esses traços arcaicos constituem um desejo que não envelhece.

A SEXUALIDADE APRESENTA-SE, DESSA FORMA, DIFERENTE EM CADA ÉPOCA E CONTEXTO CULTURAL, E NÃO É POSSÍVEL PENSÁ-LA FORA DO TEMPO, POIS NÃO EXISTEM SUJEITOS FORA DE SUA ÉPOCA E DE SEUS TRAÇOS DOMINANTES.

Por conseguinte, a sexualidade não é da ordem do instinto. O instinto é um mecanismo que visa à sobrevivência. Quando um animal está no cio ele não escolhe um parceiro, mas atrai todos os da espécie para o coito; não há uma escolha. Mesmo nos desvios mais bizarros da sexualidade humana há uma escolha. Diante de um perigo, por exemplo, o animal defende-se e reage. Em se tratando de humanos, as reações são as mais diversas, pois não existe instinto, mas a pulsão que extrapola o campo da sobrevivência e da necessidade. Pessoas morrem de comer ou não comer, morrem por amor ou desamor, morrem extrapolando os limites do corpo. O campo da linguagem modifica nos seres falantes o instinto ou o que se nomeia comumente de “natureza”.

De tudo que dissemos até então depreendemos que não há uma sexualidade geral para todos, pois cada sujeito tem marcas que são sempre próprias e se ligam à fantasia. Neste sentido, não é exatamente o objeto que causa o desejo, mas a fantasia em torno dele. Vemos relações desfa-

zerem-se porque caiu a fantasia que as sustentava; os parceiros continuam os mesmos, mas algo que os enlaçava, por motivos diversos, deixou de existir. Retomando Lacan⁶, podemos dizer que o sujeito se mantém como desejante em relação a um campo complexo de relações, e isso se torna ainda mais complexo com o passar do tempo, exatamente pelas marcas que acompanham sempre a passagem do tempo.

Em síntese, a sexualidade compõe-se de pequenos traços: sons, cheiros, um olhar, toques, imagens, palavras... que não compõem um todo homogêneo. Assim sendo, não existe um “conector” que una um homem e uma mulher. Atravessada pelas diferenças, a sexualidade apresenta-se sempre sob a forma de pequenos encontros e desencontros. Não existe em época alguma da vida uma harmonia perfeita no encontro entre os sexos.

Por fim, retomando ainda uma indicação de Freud⁷: não existem regras sexuais, mas regras sociais que tentam controlar a maneira das pessoas amarem e manterem relações sexuais, oferecendo, como ocorre na época atual, sobretudo pela publicidade e pela literatura de autoajuda, regras e imagens de como ser homem, mulher, encontrar o “par perfeito” e outras estratégias de conquista que prometem o encontro sem falhas. Se antes o gozo era algo proibido e secreto, hoje o lema é “goze!”. A sexualidade do idoso pode surgir na contramão desse ideal inatingível. A sexualidade apresenta-se, dessa forma, diferente em cada época e contexto cultural, e não é possível pensá-la fora do tempo, pois não existem sujeitos fora de sua época e de seus traços dominantes.

Sexualidade na velhice

Começemos com uma pergunta: por que persiste ainda um tabu, mesmo que velado, em relação à sexualidade na velhice?

Ocupando hoje espaços na mídia, na publicidade – voltada para um mercado de consumidores que cresce –, exibida em novelas e filmes, sobretudo com o surgimento do Viagra, a sexualidade na velhice, tornando-se aparentemente um tema “natural”, continua se apresentando muitas vezes sob a forma de pilhéria, exagero ou por vezes até de forma desrespeitosa que tenta camuflar um real que incomoda: as marcas da velhice sobre o corpo e sobre o que se imagina como “desempenho sexual”. O que se esconde por detrás do tabu?

⁶ LACAN, Jacques. *As formações do inconsciente* (1958), 1999.

⁷ FREUD, Sigmund, *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), 1972.

No artigo “O tabu da virgindade” (1917) Freud acentua que “o homem primitivo instituiu um tabu quando teme algum perigo”⁸. Qual seria o perigo em questão diante da sexualidade na velhice? Relendo⁹ dois textos do mesmo autor: “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor” (1912)¹⁰ e “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens” (1910)¹¹, destacamos um aspecto que nos pareceu servir de base à reflexão da sexualidade na velhice: quando a criança descobre a sexualidade entre os pais sua tendência é de negar tal fato, respondendo: “Seus pais e outras pessoas podem fazer coisas como esta entre si, mas meus pais, possivelmente, não podem fazê-las”¹². Ou seja, a negação da sexualidade dos pais, sempre velhos em relação à criança, resta no inconsciente dos neuróticos como proibido e da qual ninguém quer saber. A nosso ver, isso persiste no inconsciente do adulto, inclusive para os próprios idosos em relação a si mesmos. No inconsciente o idoso é um representante do pai.

Falar da sexualidade na velhice sob a forma de chiste ou pilhéria é tentar cobrir um real difícil de ser assimilado e ainda proibido inconscientemente. Imaginariamente também é comum depositar na velhice tudo aquilo que se teme e pertence a todos nós: a morte, o desencontro amoroso e sexual, a impotência e as mudanças inevitáveis no corpo. Deposita-se imaginariamente nesse momento todo o imponderável que, na realidade, toca a vida. Assim o tabu da sexualidade na velhice encontra ainda o medo do imponderável e a dificuldade, sempre presente, dos caminhos e descaminhos da sexualidade.

Outro ponto importante refere-se aos efeitos de nossa época sobre o medo de envelhecer. Na contemporaneidade a sexualidade encontra-se atrelada à possibilidade de um gozo sem limites e, sobretudo, acoplada aos objetos, quando não aliada a um corpo jovem e sem marcas, pronto para gozar. Diante desse imperativo “todos devem gozar”, não importa como, sob o lema do desempenho total, de potência e demonstrações de poder, a sexualidade do idoso surge como um limite. Uma estratégia é tentar apagar da velhice suas marcas, prometendo também aos idosos um gozo sem limites, sobretudo por meio de medicamentos para a disfunção erétil.

8 FREUD, Sigmund. *O tabu da virgindade* (1917), 1976, p. 185.

9 A propósito ver: MUCIDA, Ângela. Sexualidade e velhice In: *O sujeito não envelhece –psicanálise e velhice*, op. cit., capítulo 4.

10 FREUD, Sigmund. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*, [1912], 1970.

11 FREUD, Sigmund. *Um tipo especial de escolha de objeto* [1910], 1970.

12 Idem, *ibid.*, p. 154.

Sexualidade no homem idoso

A sexualidade masculina nunca foi tema de destaque, porque talvez, ao contrário da sexualidade feminina, não tenha se tornado um enigma. Há uma enormidade de textos na psicanálise abordando o enigma do feminino a partir mesmo das questões: o que quer uma mulher? O que é uma mulher e o gozo feminino?

Se a diferença sexual se posta bem cedo para cada um de nós e ninguém se arriscaria a responder, diante da pergunta: é homem ou mulher?, “vamos ver o que vai dar”, é porque há uma marca anatômica no corpo que não há como negar. Diante da diferença sexual, a criança pequena dos dois sexos não vê a diferença, mas, como assinalou Freud, apenas a presença ou a ausência de pênis, associando esta presença com a completude. Essa falsa interpretação da realidade tem efeitos sobre os dois sexos. Predomina de maneira geral do lado masculino a sensação de completude, confusão entre ter o pênis e ser completo, e do lado feminino, a demanda de ter algo que falta. As mulheres em geral se voltam para outra mulher buscando a resposta sobre o que é uma mulher e o feminino.

Quanto aos homens persiste uma confusão muito comum entre ter o pênis e o símbolo da potência e da completude. Essa posição, diremos fálica, empresta-lhes uma marca e uma cobrança de não falharem. Isso se encontra no trabalho, nas relações com os outros e na sexualidade. Alguns, mesmo hoje, associam, inclusive, a virilidade com a idéia de procriação. Muitos, mesmo não desejando ter mais filhos, não têm coragem de se submeter à vasectomia com receio da perda de algo que toca a virilidade. Dessa maneira, a cobrança de desempenho fálico acompanha os homens, mesmo com algumas mudanças advindas, sobretudo, com a inserção da mulher no trabalho, dividindo com o homem a manutenção da casa. Mesmo que as mulheres também entrem no campo da disputa e da demonstração de poder e sucesso, e muitas têm demonstrado resultados surpreendentes, elas não se identificam como mulheres pelo sucesso no trabalho.

Assim a passagem do tempo e tudo que ela impõe de mudanças reflete-se sobre algumas amarras fálicas masculinas, como a aposentadoria

PREDOMINA DE MANEIRA GERAL DO LADO MASCULINO A SENSAÇÃO DE COMPLETUDE, CONFUSÃO ENTRE TER O PÊNIS E SER COMPLETO, E DO LADO FEMININO, A DEMANDA DE TER ALGO QUE FALTA. AS MULHERES EM GERAL SE VOLTAM PARA OUTRA MULHER BUSCANDO A RESPOSTA SOBRE O QUE É UMA MULHER E O FEMININO.

por exemplo. O envelhecimento torna mais complexas as expressões do desejo e da sexualidade, impondo novas direções para o desejo. E seria estranho se assim não o fosse e pretendêssemos realizar o desejo sem inscrevê-lo na vida que se modifica.

O Viagra surgiu como um *boom* que apagaria toda a cota de fracasso presente nos encontros sexuais e, inventado inicialmente para a disfunção erétil, é hoje utilizado em larga escala também por jovens, juntamente com o *ecstasy*, na busca desse gozo a mais. Todavia esse medicamento não pode acordar o desejo, a libido, nem atua sobre a fantasia. Acentuamos¹³ que a promessa de um gozo sem limites, oferecido a todos, não muda a posição dos idosos diante do sexual; eles não pertencem à geração marcada pela Aids e não concebem por exemplo a necessidade do uso de camisinhas, acarretando assustador o índice de idosos infectados pelo vírus HIV. Atender à demanda de desempenho sexual sem desconhecer a passagem do tempo pode gerar efeitos nefastos sobre o idoso.

O desejo impõe maneiras de se inscrever em cada momento da vida e realiza-se por vias singulares. Não existem regras gerais sobre como cada um deve ou pode conduzir sua sexualidade. De toda maneira, como medicamento, o uso do Viagra só pode ser prescrito caso a caso e não de forma global como a solução para uma sexualidade feliz. Há mudanças que não se apagam e, se isso não impede, de forma alguma, as expressões da sexualidade, elas impõem a cada um saber adaptá-las ao momento.

Outro tabu frequente em relação à sexualidade na velhice é de que o envelhecimento corporal impediria a atração sexual e as expressões da sexualidade. Isso é um dos efeitos do imaginário atual de que apenas um corpo jovem e sarado é aparelhado para o prazer. Na velhice, como em qualquer época da vida, cada um terá que conduzir os impasses que toda relação amorosa impõe. Há sempre um sujeito que jamais envelhece também nas expressões da sexualidade e do amor.

Sob a contingência do amor

Apesar de prevalecer no Ocidente a ideia do amor como completude, advinda do mito de Aristófanes – duas metades se encontrando sob a forma de completude –, há outra concepção de amor, advinda do Banquete de Platão, que é pouco difundida. Nesse diálogo Sócrates e seus

¹³ MUCIDA, Ângela. Sexualidade nos tempos do Viagra. In: *Escrita de uma memória que não se apaga*, 2009, capítulo 5.

discípulos discutem sobre a origem do amor, desembocando na origem de Eros, deus do amor. Ao contrário do amor da completude do mito de Aristófanes, temos, no nascimento de Eros, o encontro entre Poros, deus dos recursos, e Penúria, deusa da pobreza, indicando duas faces do amor: faminto e em falta como a mãe e cheio de recursos como o pai.

Na psicanálise encontramos o amor aliado à via narcísica, ao eu; amamos aquilo que nos falta, afirma também Platão. No amor como na sexualidade, a escolha faz-se por algum traço, nem sempre nomeável. “Inserido na miséria e no sofrimento a que muitos se veem reduzidos quando amam, conjugando amor e dor, ele é também uma força de união e de criação.”¹⁴ Todavia, a frase bíblica “Amai ao seu próximo como a ti mesmo”, sinalizando um amor universal ao próximo, encontra na vida muitos empecilhos, como aqueles da via amorosa. Como amar ao próximo se o sujeito não se ama? O que cada um devolve ao próximo e ao companheiro é também reflexo daquilo que nutre em si mesmo e, se o amor está ligado ao narcisismo, vemos como é sempre complexa a sua consecução, independente da idade.

Para o poeta Rilke, ao contrário do que sempre se apregoa sobre o amor ser destinado aos jovens, constituindo-se do encontro entre duas solitudes, o amor demanda preparo para saber conduzir a própria solidão.

“[...] Por isso, pessoas jovens que ainda são estrepantes em tudo, não sabem amar; têm que aprendê-lo. [...] Assim, para quem ama, o amor, por muito tempo e pela vida afora, é solidão, isolamento, cada vez mais diverso e profundo. O amor, antes de tudo, não é o que se chama entregar-se, confundir-se, unir-se a outra pessoa.”¹⁵

Todavia, não basta estar idoso para suportar a solidão e saber conduzir-se com ela no campo do amor, pois a velhice não traz em cena outro sujeito. Um belo exemplo desse sujeito que não envelhece é o protagonista de “Memórias de minhas putas tristes”, de García Márquez¹⁶. Ali encontramos um sujeito aos 90 anos com os mesmos traços das escolhas anteriores e que toma na radicalidade a maneira masculina de lidar com o amor e a sexualidade: quando amam não desejam, quando desejam não amam, analisada por Freud¹⁷.

Outro belo exemplo, também de García Márquez, do bom encontro do amor e da sexualidade na velhice é O amor nos tempos do cólera¹⁸, e que vale citar:

Era a primeira vez que fazia amor em mais de vinte anos, e o fizera

14 MUCIDA, Ângela. *Escrita de uma memória que não se apaga – envelhecimento e velhice*, 2009. p. 130

15 RILKE, Rainer Maria. 1993, p. 55-56.

16 GARCÍA MARQUEZ, Gabriel. *Memórias de minhas putas tristes*, 2005.

17 FREUD, Sigmund. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (1912) e *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens* (1910), ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. XI.

18 A análise desses dois romances encontra-se também em *Escrita de uma memória que não se apaga*, 2009, capítulo 5.

embargada pela curiosidade de sentir como podia ser, em sua idade e depois de um recesso tão prolongado. Mas ele não tinha lhe dado tempo de saber se seu corpo também estava querendo. Tinha sido rápido e triste e pensou: “agora está tudo fodido”. Mas se enganou: apesar do desencanto de ambos, apesar do arrependimento dela pela loucura do anís, não se separaram um instante nos dias seguintes. [...] Não tentaram de novo o amor até muito depois, quando a inspiração chegou sem que a buscassem. Bastava-lhes a ventura simples de estar juntos. [...] fizeram um amor tranqüilo e são, de serenos avós, que se fixaria em sua memória como a melhor lembrança daquela viagem lunática.¹⁹

RICO SÓ É O HOMEM QUE APRENDEU
PIEDOSO E HUMILDE A CONVIVER
COM O TEMPO, APROXIMANDO-
SE DELE COM TERNURA. NÃO SE
REBELANDO CONTRA O SEU CURSO.
BRINDANDO ANTES COM SABEDORIA
PARA RECEBER DELE OS FAVORES E
NÃO SUA IRA. O EQUILÍBRIO DA
VIDA ESTÁ ESSENCIALMENTE NESTE
BEM SUPREMO.

Concluimos que o amor e a sexualidade estão também inseridos no tempo. Aprender a dialogar e a conduzir o tempo é uma tarefa imposta a todos nós. Se há marcas da sexualidade e na busca do amor fora do tempo, a velhice está também no tempo. Os parâmetros de velhices anteriores são também sempre frágeis para conduzir o que encontramos hoje em nossa época. Termino com uma citação do filme “Lavoura arcaica”, texto de Raduan Nassar:

O tempo é o maior tesouro de que um homem pode dispor. Embora inconsumível, o tempo é o nosso melhor alimento. Sem medida que eu conheça, o tempo é, contudo, nosso bem de maior grandeza. Não tem começo, não tem fim. Rico não é o homem que coleciona e se pesa num amontoado de moedas, nem aquele devasso que estende as mãos e braços em terras largas. Rico só é o homem que aprendeu piedoso e humilde a conviver com o tempo, aproximando-se dele com ternura. Não se rebelando contra o seu curso. Brindando antes com sabedoria para receber dele os favores e não sua ira. O equilíbrio da vida está essencialmente neste bem supremo. E quem souber com acerto a quantidade de vagar com a de espera que deve pôr nas coisas, não corre nunca o risco de buscar por elas e defrontar-se com o que não é. Pois só a justa medida do tempo, dá a justa ‘agudeza’ das coisas.²⁰

19 GARCÍA MARQUEZ,
*Gabriel O amor nos tempos
do cólera*, 1985, p. 420 e
425.

20 “Lavoura arcaica”,
2001, filme de Luiz
Fernando Carvalho, com
roteiro baseado na obra
Lavoura arcaica, de Raduan
Nassar, 1975.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, Sigmund. Carta 52 [1896]. *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. I.
- _____. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade, [1905]. *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. VII.
- _____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor [1912]. *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1970. v. XI.
- _____. O tabu da virgindade [1917-1918]. *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1970. v. XI.
- _____. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens, [1910]. *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1970. v. XI.
- LACAN, Jacques. *O Seminário [1957-1958]. Livro 5: As formações do inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- Lavoura Arcaica*, 2001, Filme de Luiz Fernando Carvalho, com roteiro baseado na obra: *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar, 1975
- GARCIA MÁRQUEZ, G. *O amor nos tempos do cólera*. Tradução de Antonio Callado. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1985 [L1] 429p.
- _____. *Memória de minhas putas tristes*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2005, 127p.
- MUCIDA, Ângela. *O sujeito não envelhece – Psicanálise e velhice*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- _____. *Escrita de uma memória que não se apaga - envelhecimento e velhice*. Belo Horizonte, Autêntica, 2009.
- RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. Tradução de Paulo Rónai. São Paulo, Globo, 1993, 77 p.



Doença e morte no imaginário do homem velho

MARIA JULIA KOVÁCS

RESUMO

A velhice pode ser vista como antecâmara da morte ou experiência e sabedoria. Aspectos psicológicos envolvem: personalidade, história de vida, formas de enfrentamento das crises. As diferenças no envelhecimento de homens e mulheres envolvem questões culturais ou pessoais? Ocorrem perdas de saúde, trabalho, sexualidade, independência, corpo, família. No trabalho os valores são: ser produtivo e provedor, ter identidade e autoestima. Aposentadoria pode ser vista como morte, perda da identidade, adoecimento ou tempo de liberdade. Doenças podem ser repentinas ou crônicas com adaptações diferentes. A depressão é frequente e, muitas vezes, subestimada. A sexualidade pode envolver impotência, representando para alguns homens perda de identidade. Ocorrem mortes significativas: cônjuge, amigos, filhos. O luto é o processo de elaboração de perdas, não é doença, mas provoca sofrimento, necessitando de cuidados. Fatores de proteção do luto incluem: busca de significado, resiliência e rede de apoio; fatores complicadores envolvem: tipo de morte, problemas psiquiátricos, relações ambivalentes, falta de apoio e luto não autorizado. Nos homens observa-se inibição da expressão do sofrimento, levando ao adoecimento, e o tempo de luto pode ser menor. Os grupos de terceira idade são fonte importante de aprendizagem na maturidade. Os temas abordados são: aposentadoria, resgate de memória e história de vida, sexualidade, cuidados físicos e psicológicos, processo de luto. Esses grupos são formados principalmente por mulheres, e questionam-se os motivos para a frequência menor de homens nessas atividades.

Palavras-chave: envelhecimento masculino, perdas, grupos de terceira idade.

Graduada em Psicologia pela PUC de São Paulo. Mestre e Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Coordena o Laboratório de Estudos sobre a morte do Instituto de Psicologia da USP. Professora livre-docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. mjkoarag@usp.br

ABSTRACT

Old age can be viewed as an antechamber of death or as experience and wisdom. Its psychological aspects include the following elements: personality, life history, coping. Are differences between male and female ageing influenced by cultural or by subjective issues? Losses related to health, work, sexuality, independence and family will occur. The values related to work are as follows: to be productive and to be a provider, to have an identity and to have self esteem. Retirement can be viewed as death, a loss of identity/health or a time of freedom. Diseases can be sudden or chronic with different implications. Depression will often occur and be underestimated. Sexual conditions may involve loss of virility, which may cause loss of male identity. The death of significant persons, such as a spouse, friends and children, will occur. Bereavement is the process of dealing with the loss of a loved one through death. It is not a disease, but it will lead to suffering and require care. Bereavement protection factors are as follows: search for meaning, resilience and support network. Complication factors are as follows: type of death, psychiatric problems, ambivalent relationships, lack of support and disenfranchised grief. Men will reportedly exhibit an inhibited grieving response, leading to illness, and will spend less time in a period of bereavement. Groups of elderly people are an important source of learning in older adults. The themes discussed are as follows: redemption of memories and life history, sexuality, physical and psychological care and bereavement process. These groups consist mainly of women and the reasons for the small participation of men in these activities are discussed.

Keywords: male ageing, losses, groups of elderly people.

Início este artigo indicando o filme “Gran Torino”¹, com direção e atuação de Clint Eastwood. Clint Eastwood é um ídolo para mim. Aprovei-to para recomendar que assistam ao filme. Eu não ia assisti-lo, mas fui, por recomendação de um homem. O filme é maravilhoso, apresenta um idoso ex-combatente da guerra da Coréia. Relata a história de um homem amargurado, sem afinidade com sua família. E é justamente uma família de coreanos que vai mexer com o coração deste homem e mostrar o quanto relacionamentos significativos podem transformar pessoas.

¹ “Gran Torino”, direção de Clint Eastwood, Estados Unidos da América, 2009

Há vários focos para pensar a questão do envelhecimento. O ser humano se desenvolve em todas as etapas da vida. Erik Erikson, no livro *Infância e sociedade* (1976), traz no capítulo “As oito idades do homem”, os estágios do desenvolvimento humano, do nascimento até a fase final da vida. No envelhecimento, o estágio correspondente é **integração do ego X desesperança**. Ao mencionar as fases do desenvolvimento, o autor apresenta as tarefas e polaridades de cada etapa. Entende integração do ego como consciência e elaboração das experiências de vida. Na polaridade observa-se desesperança, quando não se vê mais sentido na vida e não é possível mudar nada. Esta fase da vida eu chamaria de integração do self, incluindo aspectos da consciência e aqueles que ainda não estão totalmente assimilados ou aceitos. C. G. Jung (1960) refere-se ao processo de individuação, tarefa fundamental no processo do desenvolvimento humano. Na segunda metade da vida, é importante dedicar energia psíquica para o conhecimento interior. Na primeira metade da vida esforço e dedicação têm de ser disponibilizados para construir um novo lar, trabalho, filhos e provisões para a família. Na segunda metade da vida estas aquisições já estão sedimentadas. A introjeção da energia psíquica possibilita então o desenvolvimento interior. Esse movimento mais reflexivo conflita com valores da sociedade contemporânea no Ocidente, que premia realizações, produção e consumo. Mas é fundamental para a saúde mental, como aponta Jung, que se tenha essa possibilidade de desenvolvimento psíquico a partir da elaboração e compreensão das experiências vividas.

Há teorias que se referem à construção social da velhice. O ser humano está imerso em uma dada cultura com valores e significados próprios (Beauvoir, 1976). Há culturas que consideram os idosos pessoas com sabedoria e maturidade. Em outras sociedades, a ocidental é exemplo, a pessoa idosa é vista como decadente, na antecâmara da morte. São duas perspectivas muito diferentes. Mas observa-se atualmente reconsideração e revalorização da pessoa idosa na cultura ocidental. Um dos maiores estigmas contemporâneos é chamar a fase da velhice de “melhor idade”. Para cada pessoa uma certa idade pode ser melhor: infância, adolescência ou maturidade. Chamar a velhice de melhor idade pode ser uma das formas de lidar com as dificuldades presentes nessa fase pela negação

NA PRIMEIRA METADE DA VIDA ESFORÇO E DEDICAÇÃO TÊM DE SER DISPONIBILIZADOS PARA CONSTRUIR UM NOVO LAR, TRABALHO, FILHOS E PROVISÕES PARA A FAMÍLIA. NA SEGUNDA METADE DA VIDA ESTAS AQUISIÇÕES JÁ ESTÃO SEDIMENTADAS. A INTROJEÇÃO DA ENERGIA PSÍQUICA POSSIBILITA ENTÃO O DESENVOLVIMENTO INTERIOR.

ESTAMOS CAMINHANDO PARA UMA SITUAÇÃO, NA ATUALIDADE, EM QUE A DIFERENÇA DE PAPÉIS ENTRE HOMENS E MULHERES DIMINUI, REPERCUTINDO TAMBÉM NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO.

(DEBERT, 1999). Cada pessoa tem suas peculiaridades: características de personalidade, uma história de vida construída a partir das experiências vividas na família, na escola e no entorno.

E, do ponto de vista psicológico, será que se pode falar em envelhecimento psíquico? Estaria presente apenas em pessoas de mais idade? Do ponto de vista psicológico, a questão do envelhecimento não se relaciona com idade cronológica. Há pessoas jovens com características de rigidez, não contato, inflexibilidade, que seriam características do envelhecimento da psique (GOLDFARB, 1998). Em contrapartida, pessoas com idade podem parecer jovens, flexíveis e abertas, querendo aprender coisas novas.

O imaginário, um dos títulos deste artigo, inclui as representações culturais e sociais, já que estamos inseridos numa cultura, com seus valores, costumes e ideais. Além dos elementos culturais, há características da psique, da alma, que integram e interagem com essa cultura. Cada pessoa pode apresentar depoimentos e histórias de vida, falando de si em qualquer momento de sua existência, transformando essa realidade por meio da palavra. O imaginário de uma cultura aparece nas narrativas das pessoas que nela vivem. Como afirma Bosi (1994), lembrar não é só reviver e sim reconstruir.

A questão que se apresenta é se há diferenças no envelhecimento masculino e feminino. Quais são as diferenças de gênero, que integram a cultura e as questões pessoais? Aspectos subjetivos envolvem a identidade de ser homem que envelhece, que tem suas peculiaridades, ligadas à sociedade em que vive (CORTE, MERCADANTE & ARCURI, 2006). Naquelas em que há grande diferenciação de papéis, estes se refletem no processo do envelhecimento. Se não há diferença significativa entre papéis masculinos e femininos, o processo de envelhecimento passa a ser uma construção individual, e as diferenças não vão ser de gênero, mas sim pessoais. Estamos caminhando para uma situação, na atualidade, em que a diferença de papéis entre homens e mulheres diminui, repercutindo também no processo de envelhecimento. Algumas diferenças sempre existirão, por aspectos biológicos ou culturais.

Pergunto se há expectativas diferentes em torno do envelhecimento do homem e da mulher nos dias de hoje? O primeiro fato que se constata é que há poucos estudos sobre envelhecimento em geral. Existe um nú-

mero maior de pesquisas e estudos na área de Geriatria, de Gerontologia, nas universidades e instituições especializadas no cuidado a idosos. Na USP, considerada uma referência na área da Psicologia, lembro de uma discussão sobre se a questão do envelhecimento deveria estar presente na disciplina Psicologia do Desenvolvimento, e para minha surpresa havia colegas afirmando que a prioridade deveria ser dada à infância e à adolescência. O estigma faz com que a velhice ainda seja vista como apêndice da existência, sem possibilidade de desenvolvimento.

Perguntamos por que há poucos estudos sobre o envelhecimento masculino? Apresento a seguir algumas hipóteses para reflexão. Há um número significativo de perdas na velhice: saúde, trabalho, corpo, sexualidade, família, entre outras. Perdas não são só relacionadas à idade cronológica, mas também ao processo de maturação e envelhecimento. Podem surgir em idades diversas, sua expressão e elaboração levam em conta características pessoais.

Analisemos as diferenças entre gêneros na questão do trabalho. Algum tempo atrás, homens trabalhavam e mulheres ficavam em casa. No Programa Universidade Aberta à Terceira Idade da USP², a maioria dos participantes é de mulheres. Algumas se referem a si como sendo “do lar”. Fazem parte de uma geração em que mulheres não trabalhavam; ficavam em casa cuidando dos filhos. Hoje, observam-se mudanças, o que influencia na maneira como homens e mulheres vivem o envelhecimento. Segundo Corte, Mercadante e Arcuri (2006), para homens, de maneira geral, o trabalho tem grande valor, principalmente nas culturas em que são basicamente provedores da família, mesmo quando dividem esta tarefa com mulheres. Para muitos homens o trabalho constitui uma identidade, e quando se aposentam perdem essa identidade. É como se não tivessem mais o lugar de pertença, colegas, amigos; um sério abalo na autoestima.

A aposentadoria pode ser vista de diversas maneiras, como perda, “morte simbólica” da identidade de pessoas produtivas. Proponho um exemplo: Antonio é professor universitário, autor e pesquisador e ao se aposentar perde essa identidade, fica só com o nome, e isso pode levar à perda da razão para viver. Há um aumento no índice de adoecimentos e algumas mortes no período da aposentadoria. Podem ocorrer também perdas financeiras. Um outro problema que se constata é não saber o que fazer com o tempo livre, fato que se observa mais nos homens. Mas

² Para mais informações ver o site <http://www.usp.br> – Pró-Reitoria de Cultura e Extensão – Programa de Terceira Idade.

a aposentadoria pode ser vista também como tempo de liberdade, novas aprendizagens, como: fazer cinema, cantar, viajar, ou outras que só no tempo livre podem ser propostas. Rosenberg (1992) refere-se a graus de liberdade que o envelhecimento traz por não ter uma série de obrigações, que existiam em outras fases do desenvolvimento.

Envelhecimento é tempo das doenças, algumas de instalação rápida e outras crônicas e prolongadas. As de instalação rápida levam a mudanças bruscas na vida; as que se prolongam são degenerativas, com perda de funções, com sofrimento durante muito tempo (VASH, 1988). Doenças ocorrem com todos, a não ser que se morra antes, e demandam diferentes formas de enfrentamento, envolvendo aspectos psíquicos, culturais e familiares. Pessoas podem ter doenças ou ser doentes. Ter uma enfermidade como câncer, diabetes, insuficiência cardíaca ou qualquer outra é uma crise com várias possibilidades de adaptação e caminhos. Trabalhei alguns anos com pacientes oncológicos, e para alguns deles o câncer permitiu a descoberta da importância de se cuidar, de controlar a alimentação, o estresse na vida. Nesses casos o adoecimento foi um modo de se livrar da morte, o que parece um grande paradoxo³. Pode ser, também, possibilidade de entrega, depressão, resignação, sensações de perda e morte. O que vai direcionar essas possibilidades de enfrentamento inclui fatores subjetivos, familiares e culturais.

Outra questão fundamental de abordar nessa fase da vida é o adoecimento psíquico. Um problema muito frequente nos idosos é a depressão, por isso o seu diagnóstico é muito importante. A depressão reativa pode ser resposta às perdas do envelhecimento. A depressão mais profunda está vinculada à desesperança, podendo levar ao suicídio e a comportamentos autodestrutivos. A velhice é a fase do desenvolvimento em que ocorre o maior número de suicídios ainda, estando por vezes associada ao sentimento de menos valia, solidão, não ver sentido na vida. Um dos grandes perigos para o idoso é a naturalização da depressão no final da vida, o que pode servir de explicação para o aumento dos suicídios na velhice. Não é natural que pessoas idosas se sintam sozinhas, depressivas e desesperançadas, embora possa ocorrer com frequência. A depressão pode e deve ser cuidada (GRANER, CEZAR & TENG, 2008).

Homens demoram mais para procurar programas preventivos para certas doenças mais frequentes. As mulheres apresentam longevidade maior que os homens: vivem aproximadamente sete anos a mais. Este

3 KOVÁCS., M. J. Qualidade de vida em pacientes com câncer. Efeitos de um programa de intervenção psicossocial. *Revista de Psicologia Hospitalar do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP*, v. 4, p. 7-19, 1994.

fato não é vantagem, nem para os homens que morrem antes ou para as mulheres que sobrevivem. Penso que ambos, homens e mulheres, devem lutar para que homens se cuidem mais, para que fiquem mais tempo do lado de suas mulheres.

A questão da sexualidade aparece como tabu para pessoas idosas; está presente desde a infância, na adolescência com grande vigor, nos adultos e também nos idosos. A perda da potência sexual é um elemento que está ligado ao processo do envelhecimento, mas há diferenças entre homens e mulheres em relação ao que esperam do amor, contato sexual e ligações amorosas. Para homens em particular, a masculinidade está vinculada à potência sexual. Essa é uma questão importante de ser trabalhada, porque para muitos homens a impotência sexual é vista como morte. Há mortes simbólicas, perdas que acontecem no ciclo da vida, e a impotência pode ser uma delas. Esta e outras dificuldades físicas, que surgem pelo processo do envelhecimento, podem levar a uma séria ameaça à identidade masculina. Pode estar aí o sucesso do Viagra. Vi uma mensagem na Internet mostrando que há muitas propagandas do Viagra, e pouco se fala sobre quadros demenciais. O que essa mensagem apresentava é que homens manifestarão intensa potência sexual e não vão se lembrar o que fazer com ela. É uma caricatura, evidentemente, mas o sentido é: o que fazer com a potência sem estar vinculado(a) a relacionamentos com mulheres ou homens. Se for apenas a manifestação da potência sexual isolada, sem ligação, acaba virando piada, ou enfatizando o ridículo.

A velhice é a fase da vida em que mais se perdem pessoas da mesma faixa etária, que se constituem como referência (KOVÁCS, 2007). Para algumas pessoas, a mais grave é a perda do cônjuge, com quem se viveu por muitos anos, às vezes durante toda uma vida. Difíceis são também as perdas de amigos da mesma faixa etária. Atualmente se observa uma situação extremamente dolorosa, que é de pais idosos perdendo filhos adultos. Podem ser perdas múltiplas, que acabam resultando em solidão e sobrecarga de sofrimento. Luto é o processo de elaboração das perdas. Todos nós, desde a infância, vivemos perdas, estamos em contato com a morte de bichos de estimação, de pessoas da família, atualmente também de crianças e de jovens. O luto não é doença, embora pareça, porque são muitos sintomas físicos que acompanham o processo: inapetência,

ATUALMENTE SE OBSERVA UMA SITUAÇÃO EXTREMAMENTE DOLOROSA, QUE É DE PAIS IDOSOS PERDENDO FILHOS ADULTOS. PODEM SER PERDAS MÚLTIPLAS, QUE ACABAM RESULTANDO EM SOLIDÃO E SOBRECARGA DE SOFRIMENTO.

insônia, distúrbios gástricos, ansiedade, medo, incerteza, entre outros. Embora o luto não seja doença, precisa de cuidados, porque a pessoa pode ficar vulnerável e frágil.

SE A PESSOA ENLUTADA TEM PROBLEMAS PSIQUIÁTRICOS, OU QUANDO A RELAÇÃO COM A PESSOA FALECIDA ERA MUITO AMBIVALENTE, COM MUITA BRIGA, ÓDIO EMBUTIDO, A OCORRÊNCIA DA MORTE PODE SUSCITAR FORTES SENTIMENTOS DE CULPA.

O trabalho de luto tem fatores de proteção, como: buscar o significado da perda, compreender quem era a pessoa que se perdeu, qual era o lugar na sua vida, sobretudo encontrar sentido para continuar vivendo sem o falecido. O conceito de resiliência é hoje muito importante para quem trabalha em Gerontologia, com cuidados a pessoas enlutadas ou enfermas. Uma pessoa resiliente, a partir da perda e de sua elaboração, consegue dar um salto e lidar com as adversidades da vida. O impulso para superar a situação vem da energia mobilizada pela perda. Não significa passar por cima, fingir que nada aconteceu. A partir da elaboração, dos cuidados, pode-se encontrar sentido para o que está acontecendo. Um fator importante de proteção para enlutados são as redes de apoio: familiares, amigos e comunidade.

O luto tem fatores complicadores, que precisam ser cuidados. São exemplos: mortes repentinas, suicídio, desastres de avião, em que morrem todos; essas situações tornam as perdas extremamente difíceis de serem elaboradas. Em contrapartida, mortes lentas são penosas, porque envolvem muito sofrimento, dor, levando a uma sensação de impotência. Se a pessoa enlutada tem problemas psiquiátricos, ou quando a relação com a pessoa falecida era muito ambivalente, com muita briga, ódio embutido, a ocorrência da morte pode suscitar fortes sentimentos de culpa. Será que houve responsabilidade nessa morte? Foi pelos problemas vividos? Um outro fator de risco está relacionado com pessoas que não têm família, sem apoio ou amigos, solitários; esses fatores podem potencializar o sofrimento.

Os estudiosos enfatizam o cuidado em situação de luto não autorizado (CORR, 1998/1999; DOKA, 1989; CASELLATO, 2005). O luto, para ser expresso, precisa ser reconhecido e autorizado numa dada cultura. Por exemplo, no Brasil, há permissão para expressão de sentimentos, o que não ocorre em culturas mais fechadas, como as anglo-saxãs. As famílias têm seus costumes, como fazer orações, conversar compartilhando sentimentos. Outras têm como hábito cada um ficar só, no seu canto, elaborando a dor a seu modo. Então, para expressão do luto deve haver

reconhecimento da sociedade, da família, assim suas manifestações são autorizadas. Há situações nas quais o luto não tem espaço ou autorização. Por exemplo, quando a relação não é reconhecida, como na situação clássica dos amantes. Quem vai chorar no velório é a esposa e a amante fica longe, porque sua dor não é aceita. O amante não tem direito de se expressar porque a relação não é aceita ou reconhecida. Nas relações homossexuais, observa-se o luto não autorizado porque a relação não é aceita. Um outro exemplo de perda não reconhecida ocorre na separação ou no divórcio. Há aquele que motivou a separação: o “separante” e o que foi abandonado: o “separado”. Nem sempre esta diferenciação é tão clara assim, pois ambos podem ser “separantes” e “separados”. Aquele que provocou a separação não tem direito de ficar triste, afinal não era o que queria? Outro luto não reconhecido envolve amputações de partes do corpo, como ocorre por diabetes ou doença oncológica. Observa-se que a pessoa não pode chorar a falta do membro, pois há empenho para salvar sua vida. A amputação de membros ou a retirada de órgãos suscitam, sim, processo de luto, pois representam perda de parte do corpo investida de libido. Não há autorização para sentir essa falta, já que a morte é evitada, mas mesmo assim é perda dolorosa, como aponta Parkes (1998). Um outro exemplo de luto não autorizado é o da pessoa com mal de Alzheimer, embora não seja mais a pessoa que conhecemos, ela não morreu. Já não é possível a convivência como antes da doença, mas o luto não é autorizado, porque a pessoa não morreu.

DORES DE CABEÇA, DE ESTÔMAGO E OUTRAS NÃO SÃO ASSOCIADAS COM A PERDA. OBSERVA-SE INIBIÇÃO DA EXPRESSÃO DE SOFRIMENTO, LEVANDO AO RISCO DE ADOECIMENTO.

Voltando a fatores culturais, homens não choram, são fortes, então também não têm o luto autorizado. Colin Parkes, especialista na área do luto com obras traduzidas para a língua portuguesa, realizou um estudo na Inglaterra, em que observa que a forma típica de lidar com o luto entre homens é pelo sintoma físico, resultando na procura de médicos (1998). Dores de cabeça, de estômago e outras não são associadas com a perda. Observa-se inibição da expressão de sofrimento, levando ao risco de adoecimento. Pesquisas apontam que há maior índice de problemas cardíacos em homens após luto, a chamada “síndrome do coração partido”, que mata mais homens que mulheres, já que estas lidam com o sofrimento expressando sentimentos. Estou falando de estatísticas, não se pode esquecer da singularidade e peculiaridade de cada pessoa, mas

de maneira geral observa-se maior frequência de problemas cardíacos em homens após luto. Portanto, é importante trabalhar com a expressão emocional em homens.

Nas pesquisas com viúvos, como aponta Parkes (2009), homens passam menos tempo em luto, tendem a resolver seus problemas mais rapidamente, voltando logo ao trabalho. Também foi observado que eles procuram cuidar daqueles que consideram mais vulneráveis, como as mulheres e crianças. Sem tempo para expressão de sua tristeza, acabam se cuidando menos. Então especialmente homens precisam de cuidados na área da saúde mental. É fundamental esclarecer que necessitar de cuidados não significa fragilidade, é necessidade.

Uma forma de cuidados aos idosos pode ser os grupos de terceira idade, que têm vários formatos. Temos de discutir qual é a melhor opção: grupos específicos para homens ou mistos. Os temas que podem ser abordados nesses grupos são: a) preparação para a aposentadoria; b) resgate de histórias de vida e biografias; c) sexualidade no processo do envelhecimento; d) cuidados com o corpo; e) cuidados psicológicos; f) processo de luto. Estes seriam alguns temas que, penso, poderiam ser abordados. Um outro tema é a possibilidade de estimular a aprendizagem na maturidade, que além da informação propõe contemplar a experiência vivida vinculada a estes temas. “Maturidade” é um termo melhor do que “melhor idade”. Como afirmei no início deste artigo, é importante o desenvolvimento interior da psique, não como psicoterapia, mas como trabalho de balanço da vida, reconhecimento de funções ou atividades que não foram realizadas na primeira metade da vida e valorização das prioridades.

Tenho trabalhado com grupos de terceira idade desde 2005⁴. Observo que o número de homens que participam dessas atividades é muito pequeno. A possível hipótese é a de que homens não se reconhecem nesses grupos, como se não fossem feitos para eles. Por isso acho importante que num primeiro momento possamos organizar grupos específicos para eles. Mas, a longo prazo, defendo a existência de grupos mistos, porque a energia psíquica, as histórias contadas por homens e mulheres nesse tipo de grupo são muito interessantes, como contraponto, suscitando discussão. Por outro lado, um grupo só para homens poderia trabalhar com questões mais específicas do envelhecimento masculino.

Atualmente as pessoas estão vivendo mais tempo na velhice. Muitas descobertas estão sendo feitas nessa trajetória, que leva à elaboração

⁴ KOVACS, M. J., VAICIUNAS N. Ciclo da existência. Envelhecimento, desenvolvimento humano e auto conhecimento. In: KOVÁCS MJ (Org). *Morte e existência humana*. Caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção. São Paulo: Editora Guanabara Koogan, 2008, 96-111.

das perdas e possíveis mudanças, a cada etapa da vida. Ao reexaminar as experiências vividas, estas podem ser vistas sob vários ângulos, encontrando-se novos sentidos e significados. Pode-se mudar, crescer e evoluir até o último instante da existência humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, S. *A velhice*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASELLATO, G. (Org.). *Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade*. Campinas: Livro Pleno, 2005.
- CORR, C. A. Enhancing the concept of disenfranchised grief. *Omega, Journal of Death and Dying*, 1998/1999, 38 (1): 1-20.
- CORTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. *Masculin(idade) e velhices*. Entre um bom e mau envelhecer. São Paulo: Vetor, 2006.
- DEBERT, G. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 1999.
- DOKA, K. *Disenfranchised grief – recognizing hidden sorrow*. Nova York: Lexington Books, 1989.
- ERIKSON, E. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- GRANER, K. M.; CEZAR, L. T. S.; TENG, C. T. Transtornos de humor em psico-oncologia. In: CARVALHO, V.; FRANCO, M. H. P.; KOVÁCS, M. J.; LIBERATO, R.; MACIEIRA, R.; VEIT, M. T.; GOMEZ, J. B.; BARROS, L. H. C. *Temas em psico-oncologia*. São Paulo: Summus, 2008. p. 243-256.
- GOLDFARB, D. C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- JUNG, C. G. *The soul and death*. Collected works (v. 8). Londres: Routledge and Keagan Paul, 1960.
- KOVÁCS, M. J. Perdas e o processo de luto. In: INCONTRI, D.; SANTOS, F. S. (Orgs.). *A arte de morrer: visões plurais*. São Paulo: Comenius, 2007. p. 217-238.
- PARKES, C. M. *Luto*. Estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.
- PARKES, C. M. *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*. São Paulo: Summus, 2009.
- ROSENBERG, R. L. Envelhecimento e morte. In: KOVÁCS, M. J. (Org.). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p. 58-89.
- VASH, C. *Enfrentando a deficiência*. São Paulo: Pioneira, 1988.



Entrevista: **Wladimir Lobato Paraense**

Nasceu em 16 de novembro de 1914, em Icarajé-Mirim, no Pará. É pesquisador da Fiocruz, no Rio de Janeiro, onde é Chefe do Laboratório de Malacologia (estudo dos moluscos) do Instituto Oswaldo Cruz.

Mora no Campus e trabalha todos os dias, dando continuidade ao seu incansável espírito de investigação. É também co-pesquisador principal do acordo de cooperação entre a Fundação e a University of South Florida, para pesquisa sobre vetores de esquistossomose no Nordeste do Brasil, subsidiado pelo Programa de Colaboração Institucional em Pesquisas sobre Doenças Infecciosas do National Institute of Health (EUA).

Em 1982, Wladimir Lobato Paraense foi agraciado com o prêmio Golfinho de Ouro pelas atividades desenvolvidas no campo da ciência, e em 1985, recebeu o Prêmio Oswaldo Cruz por sua dedicação à pesquisa no campo das doenças infecciosas e parasitárias.

Casado com a pesquisadora Lygia dos Reis Correa Lobato, só costuma sair de casa para visitar sua única filha, a professora Silvia Lobato Paraense, de seu primeiro casamento, com a enfermeira Alayde Borges Carneiro.

REVISTA Professor, lendo um pouco sobre sua história de vida, antes deirmos conversar com o senhor, ficamos sabendo que seu pai era funcionário público e sua mãe era obstetra.

WLADIMIR É. A Faculdade de Medicina do Pará abriu um curso para Obstetrícia. Ela foi da primeira turma.



“AGORA VOCÊ ESTÁ ME FAZENDO LEMBRAR, EU ATÉ TINHA ME ESQUECIDO DISSO, MAS EU GOSTAVA DE VER ESTRELAS DE NOITE, EU ACHAVA BONITO. EU ACHAVA QUE IA SER ASTRÔNOMO, MAS NAQUELE TEMPO NEM TINHA ESSA PROFISSÃO, NO OBSERVATÓRIO NÃO TINHA O QUE FAZER, MAS EU GOSTAVA DE ASTRONOMIA.”

REVISTA Então, o senhor vem de uma família que acabou quebrando alguns tabus. A gente queria que o senhor falasse um pouco sobre sua família, seus pais, irmãos. Como era o convívio, a questão do conhecimento em sua casa.

WLADIMIR Na verdade ela era minha mãe adotiva, porque minha mãe mesmo morreu cedo, me deixou com seis anos de idade. Morávamos na cidade, em Belém, mas tínhamos casa no interior. Antes de minha mãe morrer íamos passar férias em Icarajé-Mirim, tínhamos casa lá. Em casa éramos eu e quatro irmãs. Eram três irmãs mais velhas, depois vínhamos eu, e a última, a mais nova. As três irmãs acima de mim não tinham profissão. Eram domésticas, estudaram no colégio Bittencourt, um colégio de freiras, e quem estudou em faculdade superior fomos eu e essa mais nova. As outras três tinham lá suas coisas, mas não curso superior, só fizeram até o secundário. Foram semi-internas em colégios de freira, às vezes ficavam lá no interior, onde tínhamos propriedade. Minha mãe biológica ficou viúva, e todo ano ia para o interior para ver as terras. Nós tínhamos latifúndios no Rio Guamá. Ao longo desse rio, herdamos campos de borracha. A gente chamava de seringais, era produção nativa. Na época de colheita iam muitos empregados para lá, e colhiam a borracha. Era uma fonte de renda muito boa que tínhamos. Crescemos assim.

REVISTA E vocês moravam na cidade?

WLADIMIR Minha mãe adotiva era casada com um primo meu, que era funcionário da Alfândega. Ela era da Paraíba, mas se criou no Pará e, quando ficamos órfãos nós fomos morar com eles.

REVISTA Na verdade, vocês ficaram órfãos cedo.

WLADIMIR Cedo. Eu tinha seis anos. As três irmãs mais velhas eram do primeiro casamento e eu e minha irmã mais nova, do segundo. Minha mãe morreu, em 1921, no despontar do dia. Era dia primeiro de janeiro, ela sofria do coração. Ela já estava há alguns meses na cama, cansava muito, estava com a circulação fraca. Estava dormindo no quarto com a janela aberta. Um foguete entrou e estourou dentro do quarto. Ela já

estava prostrada, com barriga d'água, e aí ela morreu de susto. Estava dormindo, estourou aquilo e ela levou um susto. Quer dizer, imagina uma explosão de foguete dentro do quarto. Por azar entrou aquilo lá. Meu pai já tinha morrido e ficamos órfãos e essa prima nos levou para casa deles e eles nos criaram. Hoje só restamos dois, eu e minha irmã mais nova, que é bacharel em Direito e mora aqui no Rio. Trabalhou nessas repartições públicas e se aposentou nisso.

REVISTA Como era sua vida, o cotidiano com suas irmãs, suas férias...

WLADIMIR Minha mãe ficou viúva logo depois que teve minha irmã, e como tinha a propriedade, tanto que no meu certificado de nascimento veio lá, pai, fulano de tal, mãe, fulana de tal, proprietária...era profissão... Hoje em dia seria latifundiária. A propriedade era grande, era uma coisa! Entre dois rios, o rio Guamá, e outro que esqueci o nome, entre esses dois rios a terra toda era dela. Todo fim de ano iam uns homens lá trazendo borracha, nós ficávamos com a maior parte e os homens que tomavam conta ficavam para vender. E traziam castanha também. Enchiam o porão da casa com esse negócio. Então eram o castanhal e a borracha. Foi assim, durante alguns anos, até se desmancharem as coisas; era uma fonte de renda. A gente não vivia disso, mas recebia. Havia uma companhia que cuidava, para não deixar depredar.

REVISTA O senhor era um menino tranquilo? Nós lemos que o senhor tinha interesse por astronomia. Como era isso?

WLADIMIR Isso foi no tempo de ginásio. Eu sempre gostei de leitura, desde pequeno. Agora você está me fazendo lembrar, eu até tinha me esquecido disso, mas eu gostava de ver estrelas de noite, eu achava bonito. Eu achava que ia ser astrônomo, mas naquele tempo nem tinha essa profissão, no observatório não tinha o que fazer, mas eu gostava de astronomia. Consegui uma luneta para ver as estrelas e também lia muito. Eu me lembro que no curso primário tinha um livro do Camille Flammarion sobre astros. Eu vivia lendo o livro dele e procurando estrelas, mas é claro que não achava nada porque ele falava de hemisfério norte. Eu ia para a rua, morava em uma rua

pequena; atravessava duas avenidas, ia para a esquina que era escura e botava lá uma luneta e ficava procurando. Eu aprendi muita coisa lendo. Lia o livro do Camille sobre astronomia, em francês. No primário, me puseram para estudar francês com uma francesa amiga da nossa família. Eu tinha aula com ela, três vezes por semana.

REVISTA Ia com suas irmãs ou era só o senhor?

WLADIMIR Ia só eu, de tarde, às terças, quintas e sábados, tinha umas duas horas de aula por dia.

REVISTA E o senhor fala outras línguas também?

WLADIMIR Eu leio francês, converso, mas não sou muito fluente, porque não cultivo tanto. Aprendi inglês e alemão também, mas não deu muito certo, não me simpatizei muito. Só leio. Aprendi um pouco de grego, italiano e latim. Eu falava francês, mas por falta de uso, a gente vai perdendo o costume. De pequeno eu ia para essa aula de francês. Foram uns três anos. De inglês também tive um professor, profissional de inglês. Com ele eu fiquei uns dois anos. Ia para a aula com mais dois colegas, e aprendi bastante. Depois eu fiquei sozinho. Esse professor era particular e dava aula para um outro garoto que tinha um pouco de dificuldade e me chamou para fazer aula junto; fiquei mais uns dois anos. De modo que aprendi. Tenho trabalhos escritos em inglês.

REVISTA O senhor tem artigos escritos em uma revista de Londres, inclusive.

WLADIMIR Tenho e nossa revista (da Fundação Oswaldo Cruz), de uns anos para cá, é toda escrita em inglês.

REVISTA O senhor era muito estudioso. Começou a fazer Medicina, no Pará, com 16 anos. Era normal começar a faculdade com essa idade?

WLADIMIR Eu entrei para a faculdade de medicina em 1931. Tinha 16 anos. Eu ia fazer 17 anos no final do ano. Entrei para a faculdade, e fiz até os 19 em Belém, depois me transferi para Recife. Comecei a achar

ruim o curso no Pará, os professores eram bons, mas achei o curso fraco e acabei passando para Recife. Aí, perdi o quarto ano porque saí no meio. Esperei terminar o ano, e me matriculei, fiz transferência, aquela coisa toda. Depois estudei em 36 e 37, e, me formei em Recife. Daí não quis voltar para Belém. Em Recife não tinha parente, mas eu tive sorte, porque um cunhado meu tinha uma irmã morando lá, casada também, e eu fiquei morando com eles. No fim do ano fiz concurso para um hospital e passei.

REVISTA Era hospital de alguma especialidade?

WLADIMIR Era um hospital de tuberculose e doenças infecciosas e passei em primeiro lugar, então escolhi a área que eu queria e passei a morar no hospital. Já estava garantido e me matriculei lá...

REVISTA O senhor teve contato com laboratório desde o tempo da faculdade?

WLADIMIR Sim. Além do hospital passei a frequentar o laboratório da faculdade, e aconteceram umas coisas engraçadas, parece até que é sorte. No Pará, onde fiz os três primeiros anos, eu falei com um professor, no fim do primeiro ano, que eu queria frequentar o laboratório. Ele era chefe do laboratório da Santa Casa, e fazia de tudo, diagnóstico, laboratório, esses exames todos. Ele tomava conta da parte patológica e essa parte me interessava, era mais conhecimento do que fazer exame de sangue e urina só. E fui trabalhar no laboratório médico, sem ganhar nada. Fiz esse resto do curso trabalhando lá. Por exemplo, chegava um doente na Santa Casa e tinha que fazer exame. O laboratório era num prédio ao lado; na parte de baixo tinha exames de fezes, urina, e na parte de cima tinha essa área da patologia, que era onde esse professor ficava e ele ensinava isso também na faculdade. Meu trabalho era o seguinte, chegava o doente da Santa Casa, queriam saber o que era, um tumor, por exemplo, mandavam para lá, eu examinava; o diagnóstico era do laboratório patológico. Se morria, fazíamos a autópsia. Passei a ir à Santa Casa pegar material, fazer estudos e laudos. Um dia apareceu um indivíduo com uns caroços na perna, vindo de Guajará-Mirim (Rondônia), lá na fronteira com a Bolívia, e ninguém sabia o que era e me disseram, “cuida desse aí”.

Tirei aqueles caroços da pele, e fiz cultura, peguei o bicho na cobaia e era uma caroçada, mas não tinha o que era em lugar nenhum. Estudei aquele caso com o professor e no fim era um negócio que ninguém sabia. Não achei em livro nenhum, ele também olhou e não achou. Guardamos aquele material, o homem não era nosso, era do hospital. Então tirei a biopsia e devolvi para o hospital e guardei algumas lâminas para mim. Eu tinha uma caixa onde eu guardava as coisas interessantes. Naquele momento ficou sem diagnóstico, ninguém conhecia.

REVISTA E depois o senhor conseguiu descobrir o que era?

WLADIMIR Quando saí para a Recife, levei essa caixa com 50 lâminas, duas fileiras de vinte e cinco. Um dia fui conhecer a faculdade, e peguei aquela caixa. Cheguei lá, entrei, não era horário de movimento, e fui andando e olhando e tinha lá uma porta de anatomia patológica, que era o assunto que me interessava. Entrei, era um salão cheio de mesinhas, das aulas práticas, e estava vazio. Só havia um camarada sentado perto da janela. Nesse tempo quase não se usava luz no microscópio. Em microscópio de escola, mais barato, a gente tinha um espelho, ficava perto da janela e examinava. Aquele salão grande, cheio de mesinhas para os alunos, e o homem perto da janela. Eram umas onze horas e ele olhando no microscópio. Eu disse “bom dia”; ele respondeu e perguntou: “procurando alguém?” Eu disse “não, não sou daqui, sou do Pará, vou morar aqui, estou só vendo”. Então ele perguntou: “o que você tem aí nessa caixa, quer me mostrar?” Aí que vem a sorte. Eu disse “Tenho lâminas”. Ele olhou uma delas perguntou se eu tinha mais e demonstrou surpresa. Eu perguntei “O que é isso?” “Isso é um corte de embrião de mamífero, na altura do fígado.” Era um corte de camundongo. Ele viu lá que os ovos eram de mamíferos, e ficou lá olhando as lâminas e viu o fígado e os glóbulos vermelhos no sangue, porque o embrião tem núcleo, e depois que nasce, aquilo perde o núcleo. Esse tinha núcleo. Ele viu que era embrião. Ele perguntou “espera aí, você conhece o pessoal do Jorge Lobo?” Eu disse que não. “Ele gostaria de ver essa lâmina aqui. Você faz o seguinte, deixa aqui, ninguém vai mexer e vou ligar para ele”. Eram onze e meia. Saí, almocei, voltei às duas e pouco e tinha um camarada pequeno andando agitado. Eu fiquei assustado. Ele falou “Você é o Wladimir?” “Sou, sim. Cadê a lâmina?” O sujeito estava transtornado. A sorte



minha é que essa lâmina, só ele e o outro cara que estava lá é que sabiam o que era. Qualquer outra pessoa não saberia. Era uma doença nova, ainda não estudada. Só eles tinham essa informação.

REVISTA O senhor se lembra o nome da pessoa que viu a lâmina primeiro?

WLADIMIR Era Aluizio Bezerra Coutinho, ele já morreu. Estava se preparando para o concurso para a cadeira de Patologia Geral, que é a cadeira mais ampla. Ele ganhou e foi professor até morrer.

REVISTA E o que eles descobriram? Que doença era?

WLADIMIR Doença de Jorge Lobo. Tem um nome complicado, que me esqueci, mas ficou conhecida como doença de Jorge Lobo. É uma doença que dá uns caroços no corpo da pessoa. Se deixa, acaba matando e esse era o primeiro caso da doença.

REVISTA E o senhor tinha a lâmina porque guardou do tempo do Laboratório na faculdade no Pará...

WLADIMIR É. Na minha caixa de lâminas escolhidas, estava essa e tive a sorte de serem eles que viram. O Jorge Lobo era professor de Dermatologia e disse “Vem aqui que quero continuar a ver isso”. Ele me colocou no carro e me levou para o hospital. Era longe, perto de Olinda. Era um hospital que tinha área de estudo de pele e ele ensinava lá. Chegou lá, abriu uma cortina que tinha um modelo de cera enorme e falou “Tem alguma coisa parecido com isso?” Tinha. O meu era de Guajará-Mirim, na fronteira com a Bolívia. Ele tinha sido mordido por uma cobra não venenosa, deu caroço foi tratado, mas se estendeu até as costas. O meu indivíduo, e o dele, eram do mesmo lugar. O outro sujeito teve um corte de capim grosseiro. Um capim arranhou a canela dele, havia um caroço. Os dois eram do mesmo lugar e um foi para o Pará e o outro veio para o Recife, onde estava o Jorge Lobo. Os especialistas viram que era uma doença nova. Dei sorte. Aí, o Jorge me pegou na clínica dele para fazer essa parte.

REVISTA O senhor trabalhava de graça?

WLADIMIR De graça. Nunca me pagou nada. Ganhei um lugar para fazer relações boas. Ajudou-me a fazer contatos. Ele fazia muitos estudos, biópsias de tudo quanto era caso, e se dedicava muito mesmo, e não tinha quem fizesse isso com ele. Eu, como já conhecia o assunto, sabia fazer uma parte, e ele me pegou para trabalhar com ele, mas nunca me pagou nada, nunca me recomendou nada. A única coisa que ele me fez, foi o seguinte, me pegou e falou: “olha, você não quer seguir isso de pele, né?” Eu disse que não. Ele falou, “vai ter um concurso aí para um hospital, o Oswaldo Cruz, em Recife, quem sabe você passa”. Eu não sabia para o que era, mas fui lá. O Oswaldo Cruz é um hospital de tuberculose e doenças contagiosas. Então tinham pavimentos grandes para homens e mulheres, um pavilhão só para quem ia tratar e morrer. Um pavilhão para homens e mulheres que tinham esperança de cura. E um pavilhão de pensionistas, gente que pagava e tinha quartos isolados. O concurso ia ser no final do ano. Era agosto e o concurso seria em dezembro; e a matéria era sobre doenças tropicais. Eu pensei, “vou meter a cara.” Comprei um livro, o Dr Jorge me emprestou outro e fui estudar. De vez em quando ele ia ao hospital, dava uma olhada. Estudei à beça e peguei o primeiro lugar! E o primeiro lugar podia escolher o pavilhão das pessoas que tinham esperança de cura e o pavilhão de pensionistas, que pagavam, e o médico que olhava dava uma gorjeta no dia de plantão, dizendo, “olha para mim”. Eu ia ficar como estudante e no dia que o médico fosse visitar, eu acompanharia, ia olhar tudo. Pude escolher, e escolhi o pavilhão de trás, que era variado. Tinha febre amarela, sarampo, varicela, tudo quanto era doença contagiosa e também tuberculose. Eram quatro internos, cada um ficava um dia olhando tudo. Eu ia à aula na faculdade e o plantão era de quatro em quatro dias. Fui morar no hospital e ganhava um salário.



“PUDE ESCOLHER, E ESCOLHI O PAVILHÃO DE TRÁS, QUE ERA VARIADO. TINHA FEBRE AMARELA, SARAMPO, VARICELA, TUDO QUANTO ERA DOENÇA CONTAGIOSA E TAMBÉM TUBERCULOSE.”

REVISTA O senhor criou uma rede de relações muito interessante...

WLADIMIR Sim. Na época de estudante e depois, ao longo da vida. Recebia solicitações da Organização Mundial da Saúde OMS para pesquisa ou pareceres. Uma outra vez fui procurado pelo Theodosius

Dobzhansky, o maior geneticista até hoje, autor do livro “A genética e a origem das espécies”. Ele já morreu. Ele ouviu falar sobre genética de caramujo. Disse que estava em São Paulo para dar um curso e ouviu falar na minha pesquisa com caramujos, queria saber como eu trabalhava. Mostrei para ele, que ficou muito impressionado. Ele ficou tão entusiasmado que me convidou para escrever um artigo. Daí umas duas semanas fui a São Paulo levar o artigo para ele. Ele leu o artigo, mexeu umas coisinhas por causa do inglês e mandou a secretária bater uma carta para uma revista nos Estados Unidos que se chamava “Evolution”, recomendando meu artigo, dizendo que era fascinante. E o artigo foi publicado. Foi um sucesso. Eu recebi cartas de todos lugares por causa disso, foi para o mundo inteiro. Tenho carta até em grego. A pedido da Organização Mundial da Saúde fiz um relatório, sobre a fauna de caramujos da América do Sul, porque eu não estava pensando só na esquistossomose, mas precisava estudar os caramujos, precisava estudar a história dessa bicharada, qual a origem, como eles se reproduzem, ou seja, fazer um estudo bem aprofundado da fauna. Eu fiz um levantamento grande. Passei um tempo, uns dois meses fazendo o levantamento e cheguei a 193 espécies nominiais.

REVISTA Falando em contatos, como foi que conheceu o Assis Chateaubriand?

WLADIMIR Eu era interno do hospital, mas daí acabou o curso, eu tinha que sair. Haveria um concurso em fevereiro. Consegui ficar mais um pouco; no fim do ano continuei lá. O diretor do hospital falou “fica aí, até resolver sua vida.” Alguns colegas me convidaram, “vamos abrir um consultório, um laboratório”. Eu estava pensando o que queria e voltar para Belém eu não queria. Eu tinha que fazer alguma coisa. Fui olhando concursos, sem ter a mínima idéia. Um dia, indo para o laboratório, encontro com Argeu Magalhães e ele me disse que tinha umas bolsas de estudo do Assis Chateaubriand. O Chateaubriand antes de ser jornalista, foi professor da Faculdade de Direito de Pernambuco, livre-docente. Ele era paraibano, mas estudou em Recife. Ele era muito talentoso, fez concurso e foi professor durante uns três anos na faculdade de direito de Pernambuco, depois veio para São Paulo e virou jornalista. Montou jornal no Rio e em Pernambuco também. Ficou o jornalista mor. O Argeu me perguntou, o que eu ia fazer. Eu disse que não sabia ainda. Então

ele me falou “Escuta, o Assis me falou para escolher uma pessoa para ir com uma bolsa para São Paulo, em Anatomia Patológica. Você quer ir?” Eu disse que queria e ele me indicou.

REVISTA Então o senhor não teve contato direto com o Assis Chateaubriand?

WLADIMIR Não. Nesse momento foi o Argeu Magalhães. As outras bolsas eram para Parasitologia. Eram cadeiras básicas. Essa de Anatomia Patológica era o Argeu Magalhães que tinha que indicar. E é claro que quis vir. Quem cuidava disso era outro professor. O professor me recebeu e disse, “O Assis é meio esquisito, ele ofereceu tudo isso, mas pode ser que ele tire o corpo fora depois, vamos fazer o seguinte: eu pago a passagem, se ele não der nada, você me avisa, eu pago a volta. Vê quanto é a passagem.” Éramos três que tínhamos que ir. Os outros colegas, da Parasitologia, eram formados há três anos e a pessoa que tinha que se entender com o Chateaubriand era tio do colega, e um terceiro que não sei porque foi escolhido. Ele deu dinheiro para o sobrinho e ele comprou as três passagens de navio e viemos, nós três de camarote. Se o Chateaubriand pagasse, a gente devolveria a passagem, senão, ficaria por isso mesmo. O navio ia para Santos, e de lá nós pegariamos um trem para São Paulo. Quando chegou no Rio, o navio ia demorar porque estava descarregando, e ia ficar o dia inteiro encostado lá no porto. Então, saímos para passear, eu e mais os dois. Andamos pelo centro do Rio, passamos na galeria Cruzeiro, onde passavam os bondes, na Avenida Rio Branco, e numa das esquinas tinha um hotel grande. Fomos tomar chope e apreciar o Rio. Por coincidência passou um camarada que era amigo de um dos dois. “O que estão fazendo aqui?” “Vamos para São Paulo, temos as bolsas de estudos do Chateaubriand”, e ele falou, “ele está aqui no Rio, vamos lá”. Saímos com esse camarada e encontramos com o Chateaubriand. Meu colega disse que éramos os bolsistas... E ele: “Que bolsa?... Ah, sim...”. Veja como ele era. Chamou a secretária no jornal dele e falou, “telefona para fulano de tal” e o recado foi o seguinte. “Olha, aqui tenho uma pessoa de grande talento que resolvi chamar para aproveitar bem. Esse país precisa. Ele vai para São Paulo, você anota aí, você paga um conto de reis por mês para ele, que é uma bolsa que nós vamos dar para ele, você põe um conto de reis por

mês, um ano. Põe no Banco do Brasil, 12 contos de reis para não dar trabalho”. Quer dizer, o jornal tinha dinheiro, mas o particular é quem tinha que pagar.

REVISTA Ele articulava para as pessoas pagarem as bolsas para vocês, é isso?

WLADIMIR É. Fomos os três, daí vieram mais três para uma extensão de dois meses, a mesma história, pegava um capitalista para pagar. Foi divertido. Engraçado que ele pedia para pagar o ano inteiro!

REVISTA E isso foi em que época? Como foi em São Paulo?

WLADIMIR Fui para São Paulo em 38. Em São Paulo era assim. Tinha um professor que tomava conta da gente e dizia para qual departamento a gente ia. O meu era de Anatomia Patológica, cada um tinha o seu. Tinha um catedrático, que era um velho que não estava ligando para essas coisas e vários assistentes. Caí na mão do Paulo de Queiróz Telles Tibiriçá, de uma família ilustre de São Paulo, descendente direto do cacique Tibiriçá que tinha que me orientar. Eu ficava do lado dele e ele me orientava, me falava o que eu tinha que estudar e quando tivesse dúvida que falasse com ele. Quer dizer, era meu orientador. Esse cara nunca abriu a porta do escritório dele para me atender e eu nunca a abri também para dizer o que eu ia estudar, discutir com ele. O sujeito nunca me deu uma conversa. Passaram-se os meses. De vez em quando ele olhava meu trabalho, mas nunca me deu atenção. Passou um ano, e eu pensei, o que vou fazer aqui? Vou me perder.

REVISTA Como o senhor chegou ao Rio?

WLADIMIR O Evandro Chagas, que era pesquisador no Rio, criou um serviço lá no nordeste, em Recife, e o Coutinho, que era o braço direito dele, um dia foi a São Paulo me ligou e fomos jantar. Eu contei que estava descontente em São Paulo e ele me disse: “Larga isso daí e vai para o Rio. Lá tem o Magalhães Torres, patologista, a gente fala com ele, ele te dá uma orientação; o Evandro te apresenta”. Liguei, e ele estava viajando e a mulher dele me disse que ele voltaria no dia seguinte. Me deu o endereço. No outro dia peguei um trem para o Rio e nunca mais voltei para São Paulo.



REVISTA Mas o senhor não tinha garantia de emprego no Rio.

WLADIMIR Era para o Evandro me apresentar ao Magalhães Torres. O Evandro estava fazendo um estudo sobre supostos casos de leishmaniose no Pará. Um caso sério, numa cidade chamada Abaeté. Houve uma epidemia na cidade. Uma doença de cachorro que passava para as pessoas. Começaram a examinar os cachorros e nada positivo. Eles não conseguiam saber se era ou não era. O pessoal do Evandro não tinha esse treinamento. Eu tinha. Eles trouxeram mais de mil frascos para examinar e ficavam na dúvida. Me deram um laboratório para eu examinar aquela quantidade de frascos. Depois de eu examinar quase metade do material se convenceram que não era leishmaniose. E acabei ficando com ele.

REVISTA E a bolsa que o Chateaubriand havia conseguido em São Paulo?

WLADIMIR Fui falar com o Chateaubriand sobre os problemas em São

Paulo e que não queria voltar para lá. Ele então se ofereceu para falar com o diretor da Rockefeller, que tinha pavilhão aqui. Eu disse que trabalhava com o Evandro. Ele falou “Ah, então você já está amparado, cuida da sua vida e fique com o Evandro”. O Evandro me conseguiu uma bolsa. Ele tinha um dinheiro dado por um capitalista muito conhecido aqui do Rio de Janeiro, que era dono do Copacabana Palace, o Jorge Guinle que dava trinta contos de reis para o Evandro, para ajudar o trabalho dele. Sabe o que Evandro fazia com esse dinheiro? Dava para o Joaquim Travassos da Rosa que estudava vermes de animais e de gente. E o Travassos tinha um sonho na vida, ver o Pantanal. Porque lá tem uma bicharada enorme e ele queria ver, mas isso custava caro, lá nem tinha hotel. O Evandro pegava esses trinta contos e dava para o Travassos. Ele arrumava um trem, fazia o laboratório num vagão, atrelava no trem e ia para lá e ficava um mês. Pegava os bichos, estudava os vermes, era tudo quanto é bicho e o Evandro passou a me dar também um conto de réis por mês para eu continuar no Rio.

REVISTA Nessa época o senhor não era concursado.

WLADIMIR Em 39 vim para o Rio. Em 41 fiz o concurso. Eu fiz e passei em terceiro lugar. Tive sorte.

REVISTA Estava em plena guerra. Esta situação influenciou no campo de pesquisa no Brasil?

WLADIMIR Não, do nosso lado, não. Em outros campos, sim. Quanto a doenças infecciosas, não.

REVISTA Professor, o senhor já visitou outros países? Já saiu do Brasil?

WLADIMIR Já circulei fora das Américas, estive em Portugal, não que eu quisesse, eu queria ir para a França, mas fui para Portugal. Estive na África e, pesquisando, também viajei do Canadá à Terra do Fogo.

REVISTA Da pesquisa que fizemos para conversar com o senhor, sempre se fala do trabalho, que é importante, mas a gente queria que o senhor falasse um pouco da sua vida fora do trabalho, o que lhe dá prazer? O que gosta de fazer? Claro que essa parte do conhecimento, da pesquisa, sempre foi importante desde que era menino lá no Pará, mas à parte disso, quando não está trabalhando, o que gosta de fazer?

WLADIMIR É difícil. Eu não tenho isso, por exemplo, o que gostaria de fazer? Acho que isso que faço me satisfaz. Nunca tive vontade de ter outra profissão, uma vontade de fazer algo e que não fizesse. Eu sempre gostei dessas coisas.

REVISTA E o dia a dia, aqui no Rio? O senhor conheceu muita gente, muitos lugares. Nos momentos em que não está aqui fazendo pesquisa, o senhor passeia, vai ao cinema, teatro?

WLADIMIR Não tenho isso não, não sei, acho que sou um cara meio feliz, porque eu gosto de fazer o que eu faço. Eu não tenho, assim, nossa, estou aqui, poderia estar em tal lugar e estou aqui. Não, eu não tenho isso. Eu gostava de pegar caramujo e com isso eu fiz o seguinte, fui do Canadá até a Terra do Fogo, conheci todos os países coletando caramujos. Isso deu-me prazer. Se for essa a resposta, isso é uma das coisas que me dá prazer.

REVISTA Tem uma passagem que o senhor conta de uma contaminação em uma lagoa de Minas e sua atuação foi importante. Como foi isso?

WLADIMIR Foi na Lagoa Santa em Minas Gerais. Isso foi um negócio importante. Quando fui para Belo Horizonte fazer um trabalho de laboratório, acabava tendo tempo sem nada para fazer e resolvi pesquisar caramujo lá. Eu estava interessado em caramujo. O Adolfo Lutz havia feito uns estudos e escreveu um trabalho sobre caramujos na área de Belo Horizonte. A cidade é cheia de lagoas e parques. Então, eu estava em Belo Horizonte para estudar um surto de fogo selvagem perto da Santa Casa e pediram socorro aqui para o Instituto.



“ACHO QUE ISSO QUE FAÇO ME SATISFAZ. NUNCA TIVE VONTADE DE TER OUTRA PROFISSÃO, UMA VONTADE DE FAZER ALGO E QUE NÃO FIZESSE. EU SEMPRE GOSTEI DESSAS COISAS.”



Como eu tinha trabalhado com o Jorge Lobo, com doenças de pele, ficou essa ligação. Fiquei morando na Santa Casa para examinar os doentes. E daí apareceram os caramujos na Lagoa Santa. O diretor me pediu para dar uma olhada para ver se era importante, porque iam fazer um campeonato de natação atravessando uma parte da lagoa. Nesse ano, ia ter um campeonato nacional e vinha gente de todos estados para atravessar a lagoa, perto da margem, claro. Eu fui ver o que tinha lá e tinha caramujo infectado, mas ninguém sabia.

REVISTA **Toda essa pesquisa que o senhor fez durante a vida inteira, em algumas situações como a de Lagoa Santa e outras, o senhor identificou problemas de saúde pública, coisas que teriam que ser cuidadas pelos governos. Existe uma resposta rápida do poder público? Existe esse retorno?**

WLADIMIR Às vezes. Nesse caso da Lagoa Santa, houve. Esse aí foi um negócio que deu muita confusão. A Associação Médica se reuniu, superlotou lá o anfiteatro, todo mundo queria saber sobre caramujos contaminados, num lugar público, de lazer, em Belo Horizonte. Foi um escândalo.

REVISTA **Então, às vezes, o poder público responde de forma rápida....**

WLADIMIR Dessa vez foi por causa do alarido. Muita gente pegou esquistossomose e até então eles não sabiam como, nem onde...

REVISTA **E por que o senhor se especializou em caramujos?**

WLADIMIR Muitas vezes me perguntam, por que você estuda caramujo? Eu nunca tive uma vontade de estudar caramujos, eu tinha vontade de fazer pesquisa, isso sim. Quando eu era estudante, no ginásio, criei um jornal manuscrito – O Linguarudo - e eu fazia versos, sonetos, poesias e publicava os meus e os dos colegas no jornalzinho. Na faculdade de medicina eu criei O Acadêmico de Medicina, e durante três anos eu fiz esse jornal. Daí era impresso. Quando fiz o primeiro jornal O Linguarudo e mostrei para um colega, ele olhou e falou: “Não publica isso assim. Vou falar com meu pai”. Eu pensei que ele tinha achado ruim. O pai dele era presidente da Câmara dos vereadores, de Belém e tinha influência em várias coisas do governo. Existia um instituto

chamado Carlos Sodré, que era para ensinar profissões a garotos de rua. Ensinavam as profissões de alfaiate, jornaleiros e também havia uma tipografia. Então esse colega conseguiu imprimir o jornal. Foi bom porque aprendi a mexer com jornal, eu ia para lá para ver, e aprender a compor também.

REVISTA E o senhor escreve até hoje?

WLADIMIR Não, larguei. Eu fazia sonetos e também histórias, contos e mexia com os colegas e pedia também a colaboração deles.

REVISTA Então, ao lado dessa questão da pesquisa, o senhor gosta bastante de literatura...

WLADIMIR Sim. Eu tinha um livro de poesias e de sonetos que eu escrevi na adolescência, e que um dia sumiu. Tinha uns oitenta sonetos, e eu tinha aquilo para mim. Um dia, mexendo no armário de minha madastra, achei ele lá. O que eu fiz? Toquei fogo.

REVISTA O senhor não queria compartilhar?

WLADIMIR É, bobagem, eu poderia ter ficado com o caderno, mas eu parei. Poderia ter publicado um livro de poesias.

REVISTA Ainda dá tempo...

WLADIMIR Não, passou a inspiração.

REVISTA Mas o senhor se especializou em caramujos. Viajou desde o Canadá até a Terra do Fogo fazendo pesquisa, aperfeiçoando-se em sua área. E é uma área em que o senhor é reconhecido no mundo inteiro como um grande especialista. Certamente, o senhor tem a solicitação por parte dos jovens estudantes pelo seu conhecimento. Como é essa relação do senhor com esses jovens estudantes que o procuram?

WLADIMIR Os jovens não estão interessados, assim, em detalhes. Eles vêm aqui, tem a Silvana, a Mônica, que cuidam deles, mas no começo, para coisas muitas elementares. Tem aí vários, quatro, cinco, que vêm sempre.

REVISTA E sua convivência aqui no campus? O senhor mora aqui?

WLADIMIR Moro.

REVISTA E vocês convivem com esses jovens estudantes...

WLADIMIR Não, não...Tenho coisas que, por mais que eu tente, não dou conta de terminar. Eu não fico me oferecendo, nem chamando, eu fico aqui, se alguém quiser, eu ajudo. De vez em quando aparece alguém mais interessado, mas para fazer direito a coisa não tenho a sorte. Já tive. Tem gente do Pará, de Pernambuco, às vezes chega alguém aqui que faz um treinamento grande. Não tenho pessoas que vêm para ficar.

REVISTA Mas no momento da pesquisa existe essa troca de informações? Da mesma maneira que em determinado momento de sua vida o senhor dependeu desses professores para essa troca de experiências, para que o mais experiente auxilie os que estão em início de carreira...

WLADIMIR Isso eu faço escrevendo para todo mundo ler. Aqui tem dois capítulos meus, nesse livro “Esquistossomose, uma visão multidisciplinar”. (Organizado por Omar dos Santos Carvalho, Paulo Marcos Zech Coelho e Henrique Leonel Lenzi. Editora Fiocruz).

REVISTA Nesse caminho, além dessa especialização, o senhor conviveu também com uma evolução tecnológica grande, do microscópio que ficava perto da janela, e, hoje, com a possibilidade do uso do computador. Como o senhor trabalha com essas mudanças?

WLADIMIR Para mim não faz diferença.

REVISTA O senhor utiliza esses novos meios tecnológicos?

WLADIMIR Nem sempre.

REVISTA O senhor pode falar um pouco para a gente, como vive hoje, como percebe o seu processo de envelhecimento? O senhor tem 95 anos, ativo, trabalhando, que desafios, dificuldades o senhor vê em sua vida com essa idade? O que é esse envelhecimento para o senhor?

WLADIMIR Dificuldade eu não vejo nenhuma porque eu tenho uma linha de trabalho. Eu vejo que falta muita coisa para completar nessa linha de trabalho.

REVISTA Então o senhor quer dizer que as dificuldades que o senhor percebe nessa questão do envelhecimento, é que gostaria de ter mais tempo para estudar, queria ter mais tempo para fazer outras pesquisas.

WLADIMIR Pois é....

REVISTA Em um artigo que lemos, o senhor se refere ao professor Adolfo Lutz como sendo uma pessoa solitária, e o senhor coloca alguma coisa como “talvez eu também seja assim, mais introspectivo”. O senhor se considera uma pessoa introspectiva?

WLADIMIR Um tanto quanto. Todo mundo precisa um pouco disso. Tem hora que a gente precisa ser assim, pensar, raciocinar, mas não assim de se dedicar só a isso. Tem gente que fica alucinada...

REVISTA O senhor quer dizer alguma coisa mais?

WLADIMIR Não, só agradecer vocês pela gentileza de virem aqui para essa conversa.

REVISTA Nós agradecemos ao senhor por compartilhar toda essa experiência.



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS NA REVISTA A TERCEIRA IDADE

A revista A TERCEIRA IDADE é uma publicação interdisciplinar, editada desde 1988 pelo SESC – São Paulo, quadrimestral, e dirigida aos profissionais que trabalham com idosos. Tem como objetivo estimular a reflexão e a produção intelectual sobre Gerontologia e seu propósito é publicar trabalhos técnicos e científicos nessa área, abordando aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

NORMAS GERAIS

Os artigos devem seguir rigorosamente as normas abaixo, caso contrário não serão encaminhados para a Comissão Editorial.

- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação, que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve ser informado em nota à parte sob qual forma e onde foi publicado (Revista; palestra; comunicação em congresso etc.)

- As traduções devem estar acompanhadas das autorizações dos autores.

- Os conceitos emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da Comissão Editorial da Revista.

- Todos os artigos enviados, e que estiverem de acordo com as Normas, serão analisados pela Comissão Editorial que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de aceitação do artigo, o(s) autor(es) será(ão) contatado(s) pelo correio eletrônico, ou outro meio que tiver informado, e terá(ão) direito a receber 03 (três) exemplares do número em que seu artigo for publicado.

Devem ser enviados para o endereço eletrônico
revista3idade@sescsp.org.br

- O(s) autor(es) deve(m) enviar uma breve nota biográfica contendo: o(s) nome(s); endereço completo; endereço eletrônico, telefone para contato; indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.

- Os direitos de reprodução (copyright) dos trabalhos aceitos serão de propriedade do SESC, podendo ser reproduzidos em outra publicação técnica. O autor também autoriza disponibilização no sítio www.sescsp.org.br

- Os artigos aceitos somente serão publicados com autorização por escrito, do(s) autor(es), cujo modelo será enviado pela Comissão Editorial. O não recebimento da autorização preenchida e assinada pelo(s) autor(es) cancelará a publicação do artigo.

- Os trabalhos aceitos serão submetidos à revisão editorial e qualquer modificação substancial será submetida ao(s) autor(es) antes da publicação.

APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

a) Os trabalhos deverão ser apresentados na forma de arquivo digitado em programa Word for Windows e devem conter entre 15.000 e 25.000 caracteres.

b) **RESUMO:** Deve apresentar de forma concisa o objetivo do trabalho, os dados fundamentais da metodologia utilizada, os principais resultados e conclusões obtidas e conter aproximadamente 200 palavras. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho (palavras-chave)

c) **ABSTRACT:** O resumo em inglês também conter aproximadamente 200 palavras. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho (keywords)

d) No artigo devem constar as seguintes partes: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão ou Considerações Finais.

e) As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

f) Toda e qualquer citação no texto, seja formal (transcrição), seja conceptual (paráfrase) deve ter obrigatoriamente identificação completa da fonte. Esta identificação aparecerá sob a forma de referência bibliográfica e deve ser colocada no texto (sobrenome do autor, ano e página de onde foi extraída a citação).

g) As notas, sejam de referência, sejam explicativas, devem ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos na ordem em que surgem no texto e podem aparecer em notas de rodapé ou no final do artigo.

h) **ILUSTRAÇÕES:** As ilustrações (gráficos, fotografias, gravuras etc) devem ser utilizadas quando forem importantes para o entendimento do texto. Pede-se que fotos (mínimo 300 dpi), mapas, gráficos ou tabelas tenham boa resolução visual, de forma que permitam a qualidade da reprodução. As ilustrações deverão ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor.

i) **FOTOS:** No caso de utilização de fotos, estas devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem do fotografado e com crédito e autorização de publicação do fotógrafo. (O SESC poderá encaminhar modelo). As fotos deverão ser encaminhadas para o e-mail da Revista, em alta resolução, mínimo de 300 dpi.

O SESC – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O SESC de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o SESC SP conta com uma rede de 32 unidades, disseminadas pela Capital, Grande São Paulo, Litoral e Interior do Estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia e cinema.

Conselho Regional do SESC de São Paulo

2004-2010

Presidente: Abram Szajman

Efetivos: Benedito Toso de Arruda, Cícero Bueno Brandão Júnior, Eduardo Vampré do Nascimento, Eládio Arroyo Martins, Elisete Berchiol da Silva Iwai, Ivo Dall'Acqua Júnior, Jair Toledo, João Herrera Martins, José Maria de Faria, José Maria Saes Rosa, José Roberto de Melo, José Santino de Lira Filho, Manuel Henrique Farias Ramos, Valdir Aparecido dos Santos e Wallace Garroux Sampaio

Suplentes: Amadeu Castanheira, Ariovaldo Maniezo, Arnaldo José Pieralini, Carlos Alberto D'Ambrósio, Dan Guinsburg, Luiz Antonio de Medeiros Neto, Mariza Medeiros Scaranci, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo e Rafik Hussein Saab

Representantes do Conselho Regional Junto ao Conselho Nacional

Efetivos: Abram Szajman, Euclides Carli, Raul Cocito

Suplentes: Aldo Minchillo, Costábile Matarazzo Junior, Ozias Bueno

Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



SESCSP
www.sescsp.org.br
0 8 0 0 - 1 1 8 2 2 0

**ATERCEIRA
IDADE**
Estudos
sobre
Envelhecimento
20
anos
1988 - 2008

ISSN 1676033-6
46
9 771676 033005



WLADIMIR LOBATO